Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Curso de Ciências Econômicas

Nicolly Lins

EXPORTAÇÃO DE MELÕES FRESCOS DO NORDESTE BRASILEIRO PARA A OCDE: UMA ANÁLISE DO ÍNDICE DE VANTAGEM COMPARATIVA REVELADA E DO ÍNDICE DE ORIENTAÇÃO REGIONAL

Caruaru
2016

Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Curso de Ciências Econômicas

Nicolly Lins

EXPORTAÇÃO DE MELÕES FRESCOS DO NORDESTE BRASILEIRO PARA A OCDE: UMA ANÁLISE DO ÍNDICE DE VANTAGEM COMPARATIVA REVELADA E DO ÍNDICE DE ORIENTAÇÃO REGIONAL

Monografia apresentada à Universidade Federal de Pernambuco como requisito Parcial para a obtenção do título de Graduação em Ciências Econômicas.

Orientadora: Profª. Dra. Sonia Rebouças da Silva Melo

Caruaru
2016

Catalogação na fonte:
Bibliotecária – Marcela Porfírio CRB/4 - 1878

L759e Lins, Nicolly.
Exportação de melões frescos do Nordeste brasileiro para a OCDE: uma análise do índice de vantagem comparativa revelada e do índice de orientação regional. / Nicolly Lins. – 2016.
54f. il. ; 30 cm.

Orientadora: Sonia Rebouças da Silva Melo
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Economia, 2016.
Inclui Referências.

1. Melão - Exportação. 2. Exportação - Nordeste. 3. Economia - Exportação. I. Melo, Sonia Rebouças da Silva (Orientadora). II. Título.

330 CDD (23. ed.) UFPE (CAA 2016-261)

Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Departamento de Economia

PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DA GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS DE:

NICOLLY LINS

A comissão examinadora composta pelos professores abaixo, sob a presidência do primeiro, considera a candidata Nicolly Lins **APROVADA.**

Caruaru-PE, 29 de Agosto de 2016.

Profª Drª Sonia Rebouças da Silva Melo
Orientadora

Prof. Dr. Emanoel de Souza Barros
UFPE/CAA

Prof. Msc. Bruno Tadeu Lopes Siqueira de Moura
UFPE/CAA

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, por ter me dado forças nos momentos mais difíceis dessa longa caminhada.

Também quero agradecer aos meus pais, que mesmo em alguns momentos ausentes na minha vida, de certa forma contribuíram e me ensinaram o valor da educação e me apoiaram nas minhas escolhas.

Gostaria de agradecer as minhas irmãs e aos meus sobrinhos por me suportarem nos momentos mais estressantes.

Agradeço a minha orientadora Sonia Rebouças que nos momentos em que pensei em desistir do curso e desta monografia, me fez acreditar que era capaz de concretizar um dos meus sonhos, além de ser bastante paciente nas explicações e nas orientações. Em especial, gostaria de agradecer a todos os docentes que contribuíram para minha formação e com a construção do meu conhecimento.

Queria também agradecer aos meus amigos, em especial aos da minha cidade natal, que são muitos para citar os nomes, mas que cada um sabe que foi especial para mim neste caminho que trilhei, afinal não foi fácil abandonar outra formação que estava a caminho, muito menos abandonar minha cidade, as amizades, o companheirismo, parte de minha família e meus laços criados em Recife, eles foram um dos responsáveis por conseguir fazer com que eu superasse os obstáculos e a descobrir que amizades verdadeiras existem independentes da distância.

Também gostaria de agradecer aos amigos que conquistei na UFPE e em Caruaru, alguns foram de extrema importância para que eu conseguisse chegar onde estou. Sei que esta fase é apenas o começo, de uma longa caminhada, mas gostaria de dizer, muito obrigada a todos que de certa forma passaram em minha vida e que contribuíram no meu crescimento pessoal e profissional.

Dedico à Minha Família e ao amigo João Batista (In memoriam)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a exportação de Melões Frescos produzidos no Nordeste Brasileiro através do Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) e do Índice de Orientação Regional (IOR), destinados a Organização de Cooperação para o Desenvolvimento Econômico (OCDE) durante o período de 2005 a 2014, através de uma análise descritiva e de cálculos dos índices. E possui como objetivos específicos, destacar a importância da exportação de frutas na economia brasileira e no desenvolvimento da região Nordeste, assim como analisar a evolução da produção de melões frescos e observar a importância da OCDE como principal importadora da fruta. O trabalho contribuiu para identificar os principais motivos que levaram a redução e também o aumento da produção e exportação deste produto para o bloco em questão. Onde os resultados encontrados permitiram observar que os estados dessa região possuem vantagem comparativa revelada e orientação regional voltada para este bloco econômico.

Palavras-chave: Melão, Nordeste, Índice, Exportação.

ABSTRACT

This work has as main objective to analyze the export of Fresh melons produced in the Brazilian Northeast through the Revealed Comparative Advantage Index (IVCR) and the Regional Orientation Index (IOR) for the Organization for Cooperation and Economic Development (OECD) during the period 2005-2014, through a descriptive analysis and calculation of the indices. And has specific objectives, highlight the importance of export fruit in the Brazilian economy and the development of the Northeast region, and to analyze the evolution of the production of fresh melons and note the importance of the OECD as the main importer of the fruit. The work helped to identify the main reasons that led to reduction and also increased production and export of this product to the block in question. Where the results allowed to observe the states of this region have revealed comparative advantage and focused regional focus for this economic bloc.

Keywords: Melon, Northeast, Index, Export.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 11

1.1 OBJETIVOS 13

1.1.1. Objetivo Geral 13

2. A EXPORTAÇÃO DE FRUTAS NO BRASIL E NO NORDESTE 14

2.1 EXPORTAÇÃO DE FRUTAS NO BRASIL 14

2.2 EXPORTAÇÃO DE FRUTAS NO NORDESTE 19

2.3 MELÕES FRESCOS, UMA BREVE ANÁLISE DO PRODUTO E DE SUA PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO PELO BRASIL E NO NORDESTE. 22

2.3.1 Produção e Exportação pelo Brasil 22

2.1.2 PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO NO NORDESTE 26

2.3.3. A OCDE COMO PRINCIPAL IMPORTADOR DE MELÃO FRESCO DO BRASIL E DO NORDESTE 31

3 METODOLOGIA E BASE DE DADOS 36

3.1 Índice de Vantagem Comparativa Revelada e Índice de Orientação Regional 38

3.2 Análise Descritiva dos Dados Utilizados 40

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS 45

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 47

REFERÊNCIAS 48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Exportações Brasileiras de Frutas Frescas (2006).....18

Gráfico 2 – Quantidade produzida de Melões no Brasil (2004 -2012).....24

Gráfico 3 – Produção Brasileira de Melão (2001 – 2012).....25

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Área, produção e rendimento do melão nos principais países produtores (2007).....23

Tabela 2 - Área, produção e rendimento do melão nos principais estados produtores do nordeste (2007).....28

Tabela 3 - Área, produção e rendimento do melão nos principais municípios produtores do Brasil (2007).....28

Tabela 4 – Área, produção e rendimento de melão nos estados produtores do Nordeste brasileiro (2012).....30

Tabela 5 – Principais destinos das exportações brasileiras de melão (2006).....32

Tabela 6 – Principais destinos das exportações brasileiras de melão (2015).....,.....32

Tabela 7 – Total de melões frescos exportados em US$ FOB (2005-2014).....,.....34

Tabela 8 – Análise descritiva do crescimento da exportação do melão em US$ FOB (2005 -2014).....40

Tabela 9 – Índice de vantagem comparativa revelada (IVCR).....45

Tabela 10 – Índice de orientação Regional (IOR).....46

1. INTRODUÇÃO

O melão fresco apresenta grande importância para o comércio de frutas frescas no Brasil, no cenário internacional, sua qualidade é seu fator atrativo, levando a ter alta aceitação neste mercado. Os principais estados produtores se encontram no Nordeste, podendo se destacar o Rio Grande de Norte, o Ceará, a Bahia e Pernambuco.

Ao longo dos ultimos anos o melão fresco ampliou bastante sua participação no mercado exportador de frutas brasileiras, um dos fatos que constataram foi o aumento da exportação desta fruta que passou de 142.587 toneladas em 2004, para 211.789 tonelas em 2008, apresentando um crescimento de cerca de 48,53%. (SECEX, 2009)

Segundo Araújo e Correia (2009), uma das características importantes do melão é que ele se trata de uma fruta brasileira mais típica de exportação, pelo fato de destinar seu maior percentual de produção ao mercado externo, chegando em algumas safras a ultrapassar os 40% do volume comercializado, de forma que as demais frutas não ultrapassam 5% de sua produção.

O melão fresco foi escolhido para esta análise por ser uma das frutas mais exportadas pelo Nordeste Brasileiro. Onde em 2008, o melão ocupou o segundo lugar no quesito de frutas mais exportadas. Neste mesmo ano:

> As exportações de melão proporcionaram US$ 152.132.031 e um volume de 211.789.635 kg, equivalente a 21,01% do valor total FOB exportado e 23,85% do volume de frutas encaminhadas ao mercado internacional no ano de 2008. Houve um aumento significativo no valor exportado da fruta quando comparado ao ano anterior. O aumento foi de 18,66%, sendo que seu volume também aumentou, em 3,56%. (HERRERA et al. 2010, p.06)

De acordo com Branco (2013), o melão ganhou espaço no mercado de exportações de frutas em 2012, quando obteve um aumento próximo a 4,5% em sua receita passando de US$ 128.353.767 (em 2011) para US$ 134.114.090, onde passou a ser o responsável pela segunda maior receita do total de frutas brasileiras exportadas.

O Ceará, segundo Cavalcante e Mindêllo (2013), demostrou um ganho na participação nas exportações totais nacionais de melão, onde no ano de 2007 o estado participava com 32,7% neste quesito, passou em 2012 a responder por 58,6%, obtendo um aumento na participação relativa do estado nas exportações brasileiras desta fruta. E de acordo com a fonte, é possível afirmar que o Estado do Ceará revela uma forte vantagem comparativa nas vendas de melões frescos.

A fruticultura, especificamente a cultura do melão, de acordo com Araújo e Campos (2011), tem-se dado com maior densidade na região denominada agropolo fruticultor Mossoró/ Açú, mais exatamente nos municípios de Mossoró e Baraúna, onde o aumento da demanda de melão para o mercado externo vem mudando a realidade socioeconômica da região.

Já o Vale São Francisco segundo Braga Sobrinho (2008), apresenta-se como o terceiro maior produtor de melões frescos no Brasil. Este que ao contrário dos pólos mencionados anteriormente, possui o seu cultivo "praticado majoritariamente por pequenos produtores assentados, tanto nas áreas de colonização dos perímetros irrigados como em pequenas propriedades nas margens de rio São Francisco ou de seus afluentes." (BRAGA SOBRINHO, 2008, p.39)

De acordo com dados da AliceWeb, a região Nordeste em 2005 obteve 100% de suas exportação de melões frescos destinados a países da OCDE, arrecadando um total de 91.307.137 dólares estadunidenses. Esta mesma base de dados apresentou que o Nordeste em 2014, teve cerca de 99% das suas exportações destinadas a esse bloco econômico. O Brasil possui grande parte de suas exportações voltada a países europeus, entre os principais se destacam os Países Baixos (Holanda), o Reino Unido e a Espanha. O primeiro, representou cerca de 42% do valor exportado em 2015. O bloco econômico estudado apresentou relativa importância para a balança comercial brasileira.

A Holanda é um país de extrema importância para o bloco econômico e para o Brasil, pois funciona como um centro de redistribuição de frutas na Europa, sendo o principal país importador de melões frescos brasileiros.

Diante desse cenário, esse estudo justifica-se pela importância que o agronegócio do melão fresco desempenhou na região Nordeste, tornando-se necessário descrever a evolução dos valores exportados e das quantidades produzidas nesta região e no Brasil, buscando identificar os principais motivos que levaram a evolução destes, que teve como principal destino a OCDE.

A escolha quanto à análise da Região Nordeste justifica-se por esta apresentar o maior número de exportações para a OCDE, onde este foi o principal destino da fruta.

Também foram coletados dados do SIDRA (Sistema IBGE de Recuperação Automática) e da FAOSTAT (Food and Agriculture Organization of The United Nations), como forma complementar a análise.

O presente trabalho está estruturado em quatro seções, além desta introdução. Na segunda seção, é apresentada a exportação de frutas no Brasil e no Nordeste. Na terceira sessão, consta uma breve análise do produto e de sua produção e exportação pelo Brasil e pelo Nordeste. Na quarta sessão, são apresentadas a metodologia e a base de dados. E por fim, na última sessão, os resultados obtidos são analisados e discutidos e, por fim, são delineadas as considerações finais.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1. Objetivo Geral

Verificar a existência de vantagens comparativas reveladas e a orientação regional das exportações de Melões Frescos produzidos no Nordeste Brasileiro destinado a Organização de Cooperação para o Desenvolvimento Econômico (OCDE) durante o período de 2005 a 2014.

1.1.2. Objetivos Específicos

- Destacar a importância da exportação de frutas na economia brasileira e no desenvolvimento da região Nordeste.
- Analisar a importância da produção e da exportação de melões frescos pelo Brasil e pelo Nordeste, como também a importância da OCDE e os principais países que a compõem, como principais importadores da fruta.
- Observar através do Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) e do Índice de Orientação Regional (IOR), a evolução das exportações de melões frescos e a importância do bloco econômico (OCDE) para este mercado.

2. A EXPORTAÇÃO DE FRUTAS NO BRASIL E NO NORDESTE

2.1 EXPORTAÇÃO DE FRUTAS NO BRASIL

De acordo com Keedi (2012, p.19), "Exportar é o ato de remeter a outro país mercadorias produzidas em seu próprio ou em terceiros países, que sejam de interesse do país importador, e que proporcionem a ambos envolvimento vantagens na sua comercialização ou troca."

A exportação possui suma importância na balança comercial e estimula a produção interna de um país. Blanchard (2001) afirma que o aumento da demanda estrangeira pode conduzir a um aumento do produto interno e a um superávit comercial. Assim, os produtos que são exportados podem trazer uma melhora significativa para o país que os exportam. Lima e Simões (2009, p.22), reforçam que *o efeito multiplicador das exportações*, possibilita "a especialização da produção interna de determinados bens e serviços de consumo local permite que os mesmos passem a ser exportados (quanto maior a especialização, mais facilmente o bem se torna exportável), o que gera renda, estimula o emprego local e viabiliza o aumento das importações".

Ao se produzir mais, a necessidade de contratação de empregados no setor aumenta e consequentemente mais empregos são gerados, existindo assim um aumento na renda bruta total do país. Por outro lado, pode ser observado que com uma maior exportação, a balança comercial apresenta melhoras e existindo assim, um aumento do produto interno bruto.

De acordo com Carvalho e Miranda (2009), as frutas respondem a estímulos externos, como temperaturas, pancadas e umidade, esses que influenciam o tempo de vida e sua apresentação, fazendo com que os produtores e exportadores necessitem de técnicas sofisticadas que garantam a qualidade do fruto durante o percurso ao consumidor final.

Ao se observar a exportação de frutas, é possível verificar que por serem perecíveis, possuem algumas barreiras para sua exportação, tanto sua produção quanto sua comercialização está sujeita a enfrentar problemas referentes ao armazenamento, ao transporte, a logística e ao atendimento de normas para exportação. Dessa forma, a demanda por este produto está condicionada a diversos fatores e ao se exportar devem ser observados alguns requisitos, entre eles, as barreiras impostas na exportação que podem acarretar na não aceitação do produto no exterior, resultando em grande perca financeira para o produtor.

As barreiras são imprescindíveis para um país exportador. Elas são divididas, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) (2015), como tarifárias e não tarifárias, onde a primeira aborda tarifas de importação e taxas diversas e a segunda trata de restrições quantitativas, licenciamento de importação, procedimentos alfandegários, subsídios, Medidas de Salvaguarda, medidas sanitárias e fitossanitárias, entre outras de cunho importante para a exportação. As barreiras não-tarifárias (BNTs):

> referem-se a uma vasta extensão de medidas políticas e não-tarifárias que afetam o comércio de bens, serviços e meios de produção. Com a redução das barreiras tarifárias nos últimos anos, devido à liberalização comercial, os países criaram as BNTs, usadas como defesa de concorrência internacional. Porém, as BNTs são atos protecionistas que dificultam o livre comércio, ao impor certos padrões de exportação, sendo dos tipos: medidas sanitárias e fitossanitárias, como também cotas de importação, restrições voluntárias de exportação, barreiras técnicas ao comércio, contingenciamentos e licenças de importação. MENDES *et al*(2009 *apud* BEGHIN 2006, p.03).

Essas barreiras se configuram como imposições e exigências para que o produto atinja o nível de satisfação e necessidade do público consumidor e do país importador.

O Brasil passou por diversas experiências de imposição de barreiras, que dificultavam a exportação de suas frutas. A partir da Rodada do Uruguai foi possível obter mudanças neste cenário.

Visando criar e organizar diversas diretrizes e regras para o comércio internacional, em primeiro de janeiro de 1995, a OMC foi criada na Rodada Uruguaia, em substituição ao antigo Acordo Geral sobre Comércio e Tarifas (Gatt). Nessa ocasião foi assinado o Acordo Agrícola, que segundo o Ministério da Agricultura (2015), teve como objetivo a aproximação e o alinhamento de políticas governamentais às regras próprias do mercado. Com tal ação, se pretendia obter uma maior previsibilidade e segurança nas exportações, tanto para os países que exportavam como para aqueles que importavam. Ele também permitiu uma maior flexibilidade no modo como os compromissos eram executados.

Outra rodada importante foi a de Dohar, que de acordo com o Ministério da Agricultura (2016), foi realizada no Qatar em 2001. Esta Rodada desenvolveu nova dinâmica às negociações realizadas no comércio agrícola internacional, determinando datas-limites para os diversos acordos anteriormente realizados na Rodada Uruguaia. Nela os ministros também puderam registrar as preocupações não comerciais, em temas como a proteção ao meio ambiente, à segurança alimentar e o desenvolvimento rural.

De acordo com o BrazilianFruit (2016), em 1996-1997, no Ministério da Agricultura (DENACOOP), foi viabilizado o desenvolvimento do Projeto "Promoção da Fruta Brasileira nos Mercados Interno e Internacional", realizado por meio operacionais do Ibraf e sob a

coordenação do Grupo de Trabalho da Fruta. Em 1998-1999, iniciou a parceria entre o IBRAF e a Apex-Brasil, iniciando o projeto piloto do BrazilianFruit. Em 2000, é lançada a segunda fase do projeto, desta vez voltada para a exportação para a Europa. Um fato importante observado neste histórico é a mudança obtida na balança comercial antes e após a implantação do projeto BrazilianFruit, onde a balança comercial de frutas era deficitária em US$ 106 milhões, antes de 1999 e a partir deste ano apresenta valores positivos. A maçã, o melão, a papaia e a uva, foram as frutas promovidas neste período.

Ainda segundo o BrazilianFruit (2016), em 1998 foram realizadas campanhas internacionais de divulgação das frutas brasileiras, através do *BrazilianFruit Festival*, onde foi obtido um sucesso e incremento das exportações brasileiras. O faturamento em divisas com frutas frescas passou de US$ 115 milhões em 1998 para US$ 345,6 milhões em 2003, onde foi possível observar, um incremento de 205%. De acordo com o Programa de Exportações das Frutas Brasileiras e Derivadas (BrazilianFruit), o país se encontra encontrasse na terceira posição na produção de frutas, e estas se classificam em frutas tropicais, subtropicais e temperadas, que são extraídas devido a vasta extensão territorial, a posição geográfica e as condições de clima e de solo obtidas aqui e que as principais regiões consideradas as principais produtoras de frutas são o Sudeste, o Nordeste e o Sul, destacando os Estados de São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul.

Segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (2007), nos últimos anos o Brasil vem apresentando uma boa penetração neste mercado internacional, tendo passado a ocupar posições de destaque no ano de 2005 no ranking de exportação de algumas das mais comercializadas frutas: mamão (segundo lugar entre os maiores exportadores), manga (segundo lugar), melão (terceiro lugar). O MAPA (2007) afirma que, O Brasil ainda não se encontra entre os dez primeiros na lista das exportações, ocupando o 13º lugar no ranking mundial, em concordância com a fonte, o país necessita implantar ainda mais recursos tecnológicos em sua produção, além de melhorar sua logística para que possa anteder a demanda e as exigências internacionais.

Bustamante (2009 *apud* Fachinello *et al*, 2008) afirma que existem alguns fatores que contribuem para o baixo desempenho da exportação de frutas brasileiras, entre eles, o mau uso das técnicas de manejo do solo e da planta, falta de estrutura de armazenamento, logística, embalagens inadequadas e a própria desinformação do produtor. Outro ponto que esta autora afirma em sua obra é que, o Brasil apesar de suas dificuldades técnicas, apresenta uma grande diversidade de clima e solos, o que pode ser entendido como uma vantagem comparativa para

a produção de frutas de alta qualidade e com uma variedade de espécies que vão desde frutas tropicais e subtropicais a temperadas.

De acordo com o artigo publicado por Contini *et al* (2012), nas últimas duas décadas, a exportação tem exercido um papel de destaque na economia brasileira, contribuindo com a balança comercial, de forma a aumentar o seu saldo. Ainda de acordo com este artigo, no agronegócio existiu uma ampliação no saldo do comércio internacional, onde passou de aproximadamente US$ 11 bilhões em 1989 para US$ 77,5 bilhões em 2011. Essa expansão consolidou a posição que o agronegócio ocupou, como principal responsável pelo desempenho do saldo da balança comercial brasileira.

De acordo com a OCDE-FAO (2015), o setor agrícola desempenha um papel importante no desempenho econômico brasileiro, mesmo a agricultura tendo ocupado apenas 5,4% do PIB em 2010-2013. Este número representa segundo a fonte, uma pequena parcela frente ao nível de desenvolvimento do país, tendo a agricultura brasileira alcançado forte crescimento nas últimas três décadas. Comparado ao ano de 1990, a produção agrícola mais que dobrou em volume e o setor contribui para a balança comercial do país, onde as exportações da agricultura e das indústrias agroalimentares totalizaram mais de US$ 86 bilhões em 2013, sendo responsáveis por 36% do total das exportações. É possível ressaltar que essas exportações compensaram déficits obtidos em outros setores, possuindo este setor o papel de arrecadador de moeda estrangeira.

A fruticultura no Brasil destaca-se pelo seu volume de produção, mas ainda assim, grande parte do que é produzido é consumido internamente no país. A diferenciação do porte do produtor é através de sua renda agropecuária bruta, onde um produtor é considerado de médio porte com valores auferidos de 16 milhões até 90 milhões, e de grande porte com valores acima de 90 milhões. Esse critério é um forte incentivo para o governo investir em políticas públicas que ajudem o micro, pequeno e pequeno-médio produtores, a desenvolverem novas tecnologias e aumentarem sua produção e expansão de mercado consumidor. Esses tipos de produtores possuem rendas que variam de 360 mil a menos de 16 milhões, e que possuem a maior parte de sua produção voltada ao mercado consumidor interno.

De acordo com o Anuário (2008), em 2006 o Brasil ocupou a terceira posição na produção mundial de frutas, perdendo apenas para a China e Índia. Para esta fonte, o grande consumo interno, absorve a maior parte da safra, fazendo com que o País ocupe a 15ª posição no ranking dos maiores exportadores. E do total produzido, 47% é consumido in natura e 53%

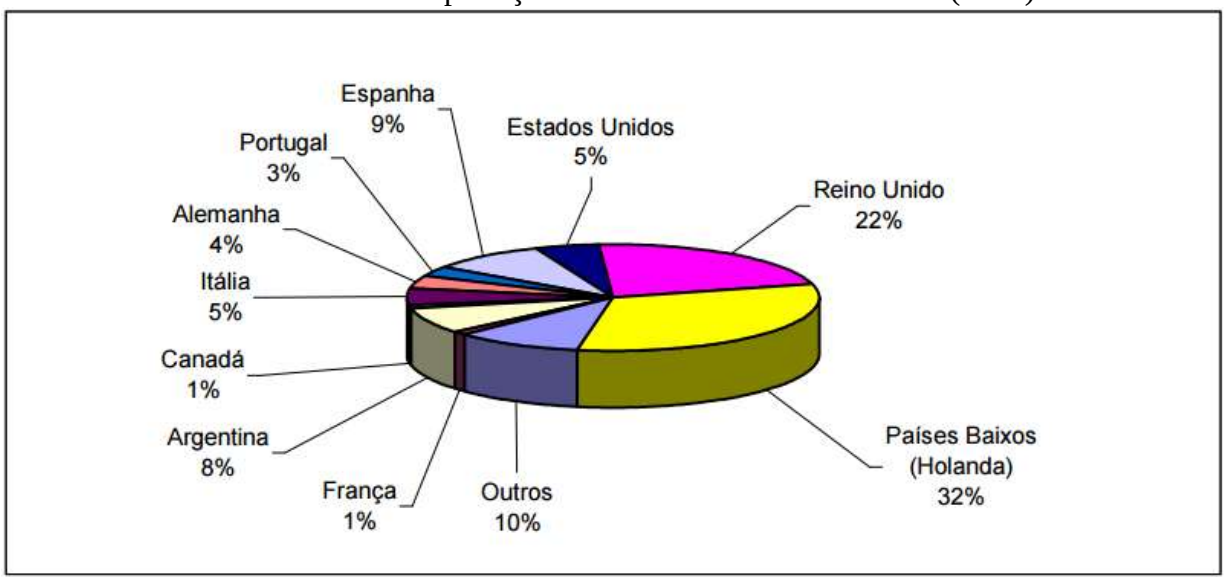
vai para o processamento. A maior parte deste volume é suco concentrado e congelado de laranja, produto ao qual o Brasil lidera a produção e exportação. Dos 47% que são destinados ao consumo in natura, apenas 2% são direcionados para exportação. Já os 53% que são destinados a agroindústrias, 29% são direcionados a venda no mercado externo. (ANUÁRIO, 2008).

> O principal bloco importador do melão brasileiro é a União Européia. Conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), em 2007 foram negociadas 204 mil toneladas (18% mais do que em 2006), com receita de US$ 128 milhões. Com esse resultado, o melão foi a segunda fruta em faturamento em 2007, perdendo apenas para a uva. (ANUÁRIO, 2008, p. 99)

De acordo com o Ibraf (2016) em 2008, o Brasil apresentou um aumento significativo nas exportações de frutas, segundo eles, o setor de frutas frescas fechou o 9º ano consecutivo (mencionando o ano de 2008), com a balança em superávit, atingindo US$ 430 milhões. Se comparado com o ano anterior houve um aumento de 44%. Foram exportadas 918 mil toneladas, representando 14% a mais que no ano de 2007. Nesta mesma publicação, pode ser observado que o melão fresco, obteve aumento de 45% em valor e 18% em volume, no ano de 2008. E que as exportações de frutas frescas se concentram em 70% na União Europeia. Já a Holanda se apresentou como o maior comprador do bloco, funcionando como um centro re-exportador da UE, distribuindo as frutas com os outros países, tendo como principal comprador a Alemanha.

No gráfico 1, pode-se observar os países que apresentaram maior volume exportado de frutas em 2006:

Gráfico 1. Exportações Brasileiras de Frutas Frescas (2006).



Fonte: BrazilianFruit, 2008.

Verifica-se no gráfico 1 que, o Brasil exportou para os Países Baixos (Holanda), um percentual de 32% de suas frutas, em segundo lugar encontra-se o Reino Unido com 22%, e os demais países como os Estados Unidos, Espanha, Portugal, Alemanha, Itália, Canadá e França, países pertencentes a OCDE, possuem uma participação nas exportações brasileiras com percentuais que variaram de 1% a 9%. É possível observar a participação deste bloco econômico na economia exportadora brasileira no ano de 2006.

O melão, segundo o Anuário (2014) ocupou a lista das 20 frutas frescas mais comercializadas no ano de 2013. "O melão liderou a lista, com envios de 191,412 mil toneladas, volume 5,31% superior ao exportado em 2012. Os embarques da fruta renderam US$ 147,549 milhões em 2013, valor 10,04% acima do verificado no ano anterior." (ANUÁRIO, 2014)

Negreiros (2015, p.14) explica que o melão fresco tem "no Brasil, a sua produção principalmente nos Estados da Região Nordeste, onde se produz cerca de 95% do melão produzido no país. Os principais agropólos produtores são o Mossoró-Assú (RN) e o Baixo Jaguaribe (CE), com uma produção de 44,97% e 37,53%, respectivamente, do total produzido no Brasil." Araújo, J. *et al* (2008), afirma que "o terceiro grande polo de cultivo do meloeiro é a Região do Submédio São Francisco, situada em terras pertencentes aos Estados da Bahia e de Pernambuco." (ARAÚJO, J. *et al*,2008, p.43)

Em 2013, o Rio Grande do Norte, foi contemplado com o selo de Indicação Geográfica de Procedência, o NR 2013, que foi concedido pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI). Este selo é de grande importância para os produtores que exportam o melão nessa região, destacando e demonstrando as características regionais, desenvolvendo a região e aumentando sua comercialização mundial, por possuir essa diferenciação. Este que é um grande avanço para a exportação de melões no Nordeste.

Na próxima seção será analisada a região Nordeste e será demonstrada a evolução e o crescimento das exportações deste produto.

2.2 EXPORTAÇÃO DE FRUTAS NO NORDESTE

Cunha (2009) indica que as condições climáticas do Nordeste se transformam numa vantagem na prática da fruticultura irrigada. As altas temperaturas e sua constante apresentação, os baixos teores de umidade relativa do ar atmosférico, além de quase três mil

horas de sol anuais, que se associam a solos apropriados e água com qualidade para irrigação possibilitam a produção de diversas espécies frutíferas. Somando-se a estes, podem ser citadas outras vantagens, tais como: a posição geográfica, incluindo a mão de obra abundante, a alta produtividade, cerca de duas safras e meias por ano, e a extensão das terras cultiváveis, fazem com que esta região se destaque na produção de frutas frescas, e assim obtendo potencial para sua comercialização com o mundo.

No Nordeste brasileiro, existem condições favoráveis ao comércio internacional de frutas frescas, mas que ainda precisam de melhorias em diversos pontos, inclusive no que diz respeito a novas tecnologias e ao transporte destas frutas para os diversos países importadores.

Para Chenais e Sauviat (2000) o desenvolvimento tecnológico deve ser fruto de sistemas de financiamento, como também de investimentos de longo prazo em equipamentos e instalações, assim como treinamento e qualificação pessoal, além do contato com universidades e instituições de pesquisa. É possível verificar que os investimentos realizados em inovações tecnológicas e em seu conjunto podem garantir a melhoria da produção, como também seu aumento e conservação no mercado.

No Nordeste, segundo informações do Distrito de Irrigação Nilo Coelho (DINC) (2016), a partir do ano de 1980, foram executados projetos de irrigação que visavam aumentar a produção e a qualidade das frutas no Nordeste, no chamado Vale do Baixo São Francisco. Esta região possui diversos vales produtores de frutas, entre eles, o Vale do Jaguaribe no Ceará, o Vale do São Francisco em Petrolina, o Vale do Açu no Rio Grande do Norte e o Platô de Neópolis em Sergipe, além de diversos municípios que se especializaram na produção de frutas. Eles são responsáveis pela maior parte das exportações nordestinas, e possuem um alto valor de investimento em programas de irrigação.

Lima e Miranda (2001) indicam que foi possível notar um crescimento da área irrigada do País, onde obteve um aumento de 266% no período de 70-90, correspondente a 105.795 hectares/ano. Para eles, "o crescimento da área irrigada do Nordeste, no mesmo período, foi de 530%, correspondendo a 30.825 hectares/ano. O Vale do São Francisco experimentou um crescimento de sua área irrigada na ordem de 286%, o que compreende 8.620 hectares/ano. Apenas no período de 80-90 o crescimento da área irrigada do País, do Nordeste e do Vale, respectivamente, atingiu 96,5%; 180,2% e 61%." (LIMA e MIRANDA, 2001, p. 615).

O Vale do São Francisco demostra sua importância na exportação e produção de melões frescos no período chuvoso das demais regiões produtoras, onde:

> O período de maior concentração da oferta de melão no mercado doméstico ocorre entre os meses de outubro e fevereiro, período em que os polos de produção de Mossoró e Açu, no Rio Grande do Norte e do Baixo Jaguaribe (Quixerê) no Ceará, responsáveis, respectivamente, por 46,57% e 35% do melão produzido no país, escoam boa parte de suas produções (ARAÚJO; CORREIA, 2010). Segundo os autores, esse fenômeno é explicado pela dificuldade de se produzir melão naquelas zonas de produção durante a estação das chuvas (janeiro até maio) e permite que os produtores de melão do Submédio do São Francisco alcancem com maior facilidade os grandes mercados consumidores, já que o clima da região permite que se cultive o melão praticamente durante todos os meses do ano. FIGUEIREDO (2014, p. 17, *apud* ARAÚJO; CORREIA, 2010).

Outro fator importante para o desenvolvimento e expansão da exportação no Nordeste foi o Sistema de Produção Integrada de Melão (PI), onde a partir de 2002, o melão produzido no Brasil passou a possuir qualidade superior e grande aceitação no mercado internacional (MAPA, 2009). Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária a e Abastecimento, a Produção Integrada aumentou por ser:

> Um sistema de exploração agrária que produz alimentos e outros produtos de alta qualidade, mediante o uso dos recursos naturais e de mecanismos reguladores para minimizar o uso de insumos e assegurando uma produção agrária sustentável. Por meio dela, utilizam-se cuidadosamente métodos biológicos, químicos e técnicas que são amplamente favoráveis à melhoria da qualidade, ao meio ambiente, à rentabilidade e às demandas sociais. (MAPA, 2009, p.30).

Segundo o IBRAF (2005 *apud* MAPA, 2009), os avanços das exportações de melão, foram uma representação dos esforços do governo e da iniciativa privada para o segmento da fruticultura, onde as exportações brasileiras obtiveram um incremento de 64% em 2003, relativo ao ano de 2002.

De acordo com Braga Sobrinho *et al* (2008), os trabalhos de pesquisa e desenvolvimento realizados pela Embrapa Agroindústria Tropical no estado do Ceará, no período compreendido de 2001-2003, foram fator decisivo para melhor atender aos requisitos solicitados pelos países importadores de frutas brasileiras. Para ele os trabalhos realizados nesta área, trouxeram a comprovação do status de área livre da mosca sul-americana das cucurbitáceas (*Anastrephagrandis*), esta que é uma das principais ameaça a fruticultura destinada a exportação no Nordeste.

De acordo com Neto (2009), pesquisas realizadas pelo Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (Etene) e pelo Banco do Nordeste (BNB), a Região Nordeste apresentou crescimento em sua produção de frutas nos últimos anos. Para ele, esse crescimento se observa pelo resultado de investimentos realizados na região, tanto por parte do poder público, como pela iniciativa privada. Foi possível observar que o resultado desses esforços foram que, no final de 2008, foi alcançado um patamar de R$ 7,9 bilhões, para um total de 25,2 bilhões, correspondentes ao setor agrícola, alcançando assim, 31% do valor de

toda a agricultura regional de 2008, fazendo com que se observasse uma elevação do Valor Bruto de Produção (VBP).

O Ministério da Agricultura (2013) publicou que em 2012, no Brasil foram produzidas cerca de 43 milhões de toneladas de frutas dos tipos: tropicais, subtropicais e de clima temperado. O portal afirma que, só os mercados do melão e da melancia movimentaram cerca de US$ 151 milhões, se destacando como maiores exportadores os estados do Rio Grande do Norte e o Ceará.

De acordo com o Portal do Brasil (2016), e em concordância com a Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero), no Terminal de Logística de Carga (Teca), que fica situado no Aeroporto de Petrolina/Senador Nilo Coelho (PE), foi possível notar um crescimento de cargas exportadas. Foi possível observar um crescimento de 120,8% em abril de 2016, em relação ao mesmo mês do ano anterior. Outra comparação que pode ser realizada é que no primeiro quadrimestre do ano de 2016, existiu um aumento de 261% comparado com o ano anterior de mercadorias exportadas, onde a Infraero informa que a exportação de frutas frescas é a maior responsável por esse aumento.

2.3 MELÕES FRESCOS, UMA BREVE ANÁLISE DO PRODUTO E DE SUA PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO PELO BRASIL E NO NORDESTE.

2.3.1 Produção e Exportação pelo Brasil

O melão fresco possui um histórico de exportações que se revelou durante décadas, demonstrando seu potencial exportador, segundo Moura *et al* (2011, p. 1072, *apud* BRASIL, 2010) ele "é a fruta brasileira que tem se destacado nas duas últimas décadas com relação às exportações, passando de 50,7 mil toneladas em 1989, para mais de 211,8 mil toneladas, em 2008, pois na maioria das safras, cerca de 40% da produção vai para o mercado externo, e pouco menos de 5% é das outras culturas que se destina a exportação.".

Conforme informações de Resende e Costa (2010) , ao analisar o país em relação ao mundo, verifica-se que em 2007 o Brasil ainda não é o maior produtor mundial de melões, perdendo para países como a Turquia, Irã, Estados Unidos e Índia. Em 2007, a china se destacou com a maior área territorial de produção dessa fruta. Já no ano de 2012, segundo o Departamento de Economia Rural - DERAL (2015), a China se apresentou como o maior

produtor de frutas do mundo, entre elas está o melão, colhendo 227,5 milhões de toneladas, o que representa 29,5% da fruticultura mundial.

Em Rodrigues, R. (2015) observa-se que, em 2012 o Brasil ocupou o 3º lugar mundial na produção de frutas, ficando atrás apenas da China e da Índia, produzindo uma quantidade de 42 milhões de toneladas. De acordo com o SEBRAE (2015), em 2013, o Brasil ocupou a terceira posição na produção mundial de frutas, obtendo um valor de 43,6 milhões de toneladas produzidas e acrescenta que, em 2014, o melão liderou, no país, o ranking de frutas produzidas, no valor total de 196.850 toneladas, passando a frente da manga e das demais frutas produzidas nacionalmente. Na tabela 1, encontramos os principais países produtores de 2007, com suas respectivas áreas, produções e rendimentos obtidos pelo produto em questão.

Tabela 1. Área, produção e rendimento de melão nos principais países produtores (2007)

PAÍSES	**ÁREA (HA)**	**PRODUÇÃO (T)**	**RENDIMENTO (T/HA)**
China	556.531	13.652.590	24,53
Turquia	103.000	1.770.000	17,18
Irã	80.000	1.230.000	15,38
Estados Unidos	47.000	1.150.000	24,47
Espanha	38.600	1.141.900	29,58
Marrocos	24.245	734.265	30,28
Índia	31.500	645.000	20,48
Egito	23.500	550.000	23,40
México	21.499	543.336	25,27
Itália	22.109	512.247	23,17
Brasil*	21.576	495.323	22,96
TOTAL MUNDIAL	1.275.887	26.809.823	21,01

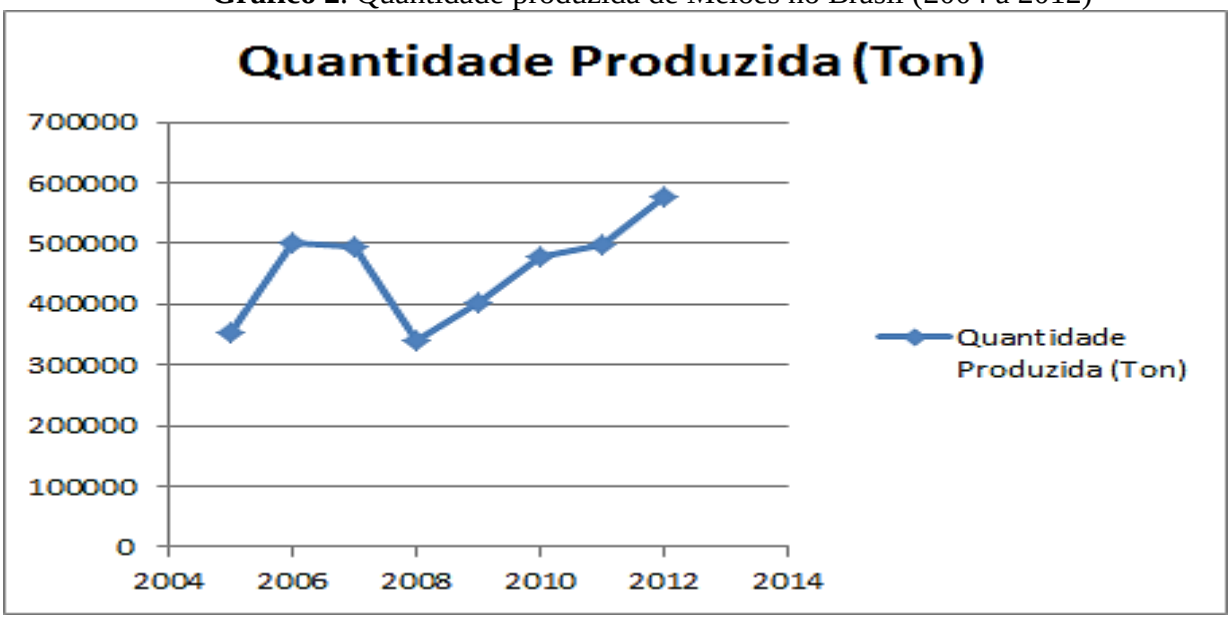
Fonte: FAO (2009) IBGE (2009).

Na tabela 1, pode-se observar que em 2007, o Brasil apresentou uma produção de 495.323 toneladas de melões frescos, um percentual de 1,69% da produção mundial desta fruta, que era de 26.809.823 toneladas.

De acordo com o Departamento de Economia Rural (DERAL) (2012), em 2010 o Brasil ocupou a terceira posição no ranking da produção mundial de frutas, o país era responsável por 5,7% do volume colhido, e possuía uma produção de 41,5 milhões de toneladas.

Através da análise dos dados da FAO (2015), referentes as quantidades produzidas de melões no Brasil (2004-2012), dispostos no gráfico 2, nota-se que em 2012 o Brasil alcançou um patamar de 575.386 toneladas de melões produzidos, esta que foi a maior produção desde 2004. Desta forma, constatou-se uma crescente produção da fruta, exceto no ano de 2008, onde se observa uma queda na sua produção.

Gráfico 2. Quantidade produzida de Melões no Brasil (2004 a 2012)

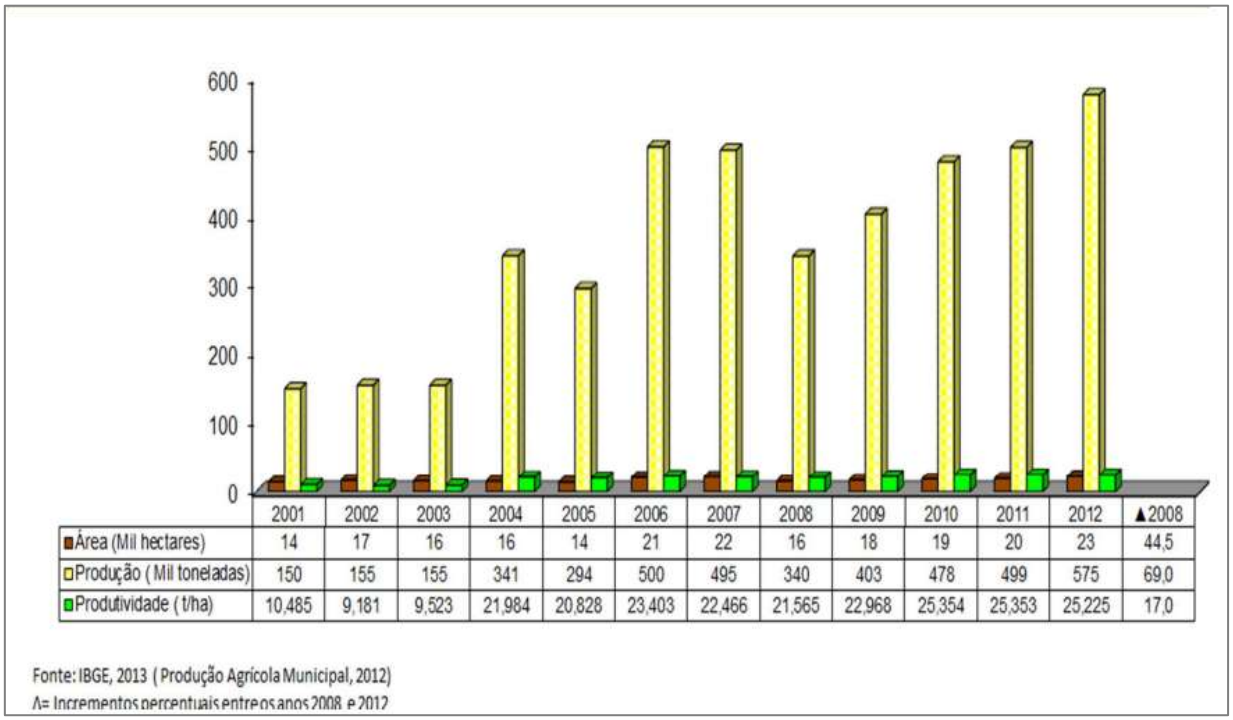


Fonte: Elaboração própria. Dados: FAO (2015).

O melão fresco é um produto exportado pelo Brasil principalmente pelos estados nordestinos. “Na América do Sul em 2007, o Brasil ocupou o primeiro lugar em produção e produtividade de melão, seguido da Venezuela, Argentina e o Chile.” (FAO, *s.d.* 2009).

No Gráfico 3, consta dados da produção brasileira de melão, onde podemos analisar a variação da área plantada, da produção e da produtividade, no período compreendido de 2001-2012.

Gráfico 3. Produção Brasileira de Melão (2001-2012)



	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	▲2008
Área (Mil hectares)	14	17	16	16	14	21	22	16	18	19	20	23	44,5
Produção (Mil toneladas)	150	155	155	341	294	500	495	340	403	478	499	575	69,0
Produtividade (t/ha)	10,485	9,181	9,523	21,984	20,828	23,403	22,466	21,565	22,968	25,354	25,353	25,225	17,0

Fonte: IBGE, 2013 (Produção Agrícola Municipal, 2012)
Δ= Incrementos percentuais entre os anos 2008 e 2012

Fonte: Embrapa (2013 apud IBGE, 2013).

De acordo com o gráfico 3, no período compreendido de 2001 a 2012, observa-se um crescimento da área de aproximadamente 64,28%. Já no quesito produção é possível observar um aumento elevado nos períodos de 2004, com 120% a mais do que o ano anterior, e no ano de 2006, com um aumento de 70%, comparado ao ano anterior e em 2007, é possível verificar que a produção alcançou um patamar também elevado, com uma produção de 495 mil toneladas.

De acordo com o comentário do IBGE (2015, p. 15), nas Contas Nacionais Trimestrais do IBGE, "nota-se que, após elevação de 6,5% no terceiro trimestre de 2008, o PIB começou a recuar em função dos efeitos decorrentes da crise econômica internacional até chegar à queda de 1,2% no terceiro trimestre de 2009".

De acordo como o Anuário (2014), o melão é uma das frutas mais exportadas pelo Brasil. Mas, desde 2008, o setor vem perdendo o mercado devido a crise econômica que foi registrada nos países europeus nesse período, onde esses representam o seu maior mercado importador de melões brasileiros. Segundo o Anuário, naquele período, as exportações desse tipo de fruta já ultrapassavam 200 mil toneladas, quantidade que até o ano de 2014 não havia sido alcançada ainda. Mas, mesmo assim segundo este, os produtores conseguiram aos poucos recuperar o espaço perdido neste mercado. E continua a afirmar que:

> Em 2013, de acordo com o relatório da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), órgão do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, houve incremento de 5,31% nos embarques em relação ao ano anterior, os produtores brasileiros de melão vêm recuperando de maneira gradual o mercado para a fruta, que havia sido prejudicado com a crise na Europa Berço esplêndido totalizando 191,4 mil toneladas. No faturamento, a evolução no período foi de 10,04%, fechando em US$ 147,5 milhões. (ANUÁRIO, 2014, p. 74)

O Anuário (2015) informa que a Região Nordeste sofreu com a estiagem das chuvas, nas últimas três temporadas, esta que foi considerada a pior seca dos últimos 50 anos, segundo os institutos meteorológicos. Mas ainda assim, de acordo com esta fonte, as empresas exportadoras de melão fecharam em alta esta safra. De acordo com eles, "em volume, os 16 tipos de melões exportados continuam imbatíveis e apresentaram crescimento de 2,84%, com 196,8 mil toneladas. A valorização do dólar ajudou o setor a ampliar a receita, já no final do ano." (ANUÁRIO, 2015, p. 79).

É possível observar, que o Brasil obteve um crescimento na produção de frutas durante o período analisado, chegando a ocupar o terceiro lugar em níveis mundiais, passando por algumas reduções em seu volume, que foram ligados a alguns fatores, tais como a crise mundial, em 2008, e ao período de estiagem nas regiões produtoras. Quanto ao melão, existiu houve um aumento de sua produção e de sua exportação. O melão fresco no Brasil apresentou uma tendência de crescimento durante o período analisado, apresentando em alguns anos, como o de 2008 uma pequena queda na sua produção, mas ao se analisar todo o período, foi possível verificar um aumento no volume produzido e exportado.

2.1.2 PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO NO NORDESTE

O Nordeste possui grande importância quanto à produção e exportação de melões frescos no Brasil, principalmente para a OCDE, neste tópico iremos verificar, através da literatura, o destaque dado aos estados que compõem essa região.

Araújo et al (2008 *apud* SECEX, 2006), informa que na pauta exportação da região Nordeste dos cem principais produtos exportados, dezesseis deles são de origem agrícola e desse total, sete estão entre os trinta que mais geram receita de exportação. Onde o melão ocupa a 29ª posição no total da receita das exportações dessa região.

De acordo com Crisóstomo *et al* (2002), a produção de melões na região Nordeste representou 99% do total produzido no Brasil no ano de 2001. E teve como principais estados produtores o Rio Grande do Norte (56,7%), o Ceará (35,5%) e a Bahia e Pernambuco (7,1%).

Esta fonte ressalta que esses valores refletem o aperfeiçoamento do sistema produtivo, apesar da existência de problemas. Vitti (2009, p. 26 *apud* Tomich, 1999), complementa que "nesses estados é comum a utilização da irrigação, que associado à existência de condições climáticas bastante favoráveis à cultura, tem levado a aumentos expressivos da produção e das exportações nacionais"

Segundo o Anuário (2008), o principal centro produtor brasileiro de melão foi a Chapada do Apodi e o Baixo Jaguaribe, que compreendem os estados do Rio Grande do Norte (municípios de Mossoró, Baraúna e Apodi) e do Ceará (Aracati, Icapuí, Limoeiro do Norte e Quixeré). Na média registrada em 2006 e em 2007, anualmente essa região cultivava em torno de 12 mil hectares.

COSTA e LEITE (2005), afirmam que o mercado interno é constituído pelas cidades localizadas próximas aos locais de produção. Os polos de Mossoró e Açu/RN, Aracati/CE e Submédio do São Francisco/BA e PE são considerados os principais polos de produção do melão do Brasil e o seu mercado regional corresponde às capitais e as principais cidades da região Nordeste. Os frutos são comercializados pelos grandes centros consumidores do País, tais como os de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Brasília e Belo Horizonte, estes que exigem uma maior qualidade do fruto, tanto no transporte como no sabor e aparência.

Na tabela 2 pode-se verificar que em 2007 os estados nordestinos foram os que tiveram uma maior extensão territorial dedicada à plantação do fruto em estudo e que também foram os que mais produziram no Brasil neste ano, totalizado uma área de 18.905 hectares, correspondendo a 87,62% da área nacional, e com uma produção de 474.368 toneladas. Com destaque para o Rio Grande do Norte, como maior produtor, totalizando uma produção de 230.690 toneladas, representando 28,41% da produção nacional. Podemos verificar também que os estados que obtiveram maior rendimento (produção por área plantada) foram o Rio Grande do Norte (37,63% da área nacional) e o Ceará (32,09%), ficando acima da média nacional. Estes que possuem tecnologias diferenciadas na produção e sistemas de irrigação nas áreas cultivadas.

Tabela 2. Área, produção e rendimento de melão nos principais estados produtores do Nordeste (2007)

ESTADOS	ÁREA (HA)	%ÁREA (HA) NACIONAL	PRODUÇÃO (T)	% PRODUÇÃO NACIONAL	RENDIMENTO (T/HA)
Rio Grande do Norte	8.120	37,63%	230.690	46,57%	28,41
Ceará	6.923	32,09%	173.378	35,00%	25,04
Bahia	2.964	13,74%	51.886	10,48%	17,51
Pernambuco	840	3,89%	17.400	3,51%	20,71
Nordeste	18.905	87,62%	474.368	95,77%	25,09
Brasil	**21.576**	100,00%	**495.323**	100,00%	**22,96**

Fonte: Dados IBGE (2009).

De acordo com a tabela 2, a região Nordeste em 2007, obteve a participação de 95,77% da produção nacional, em concordância com esta informação o SENAR (2007, p. 11), publicou que "cerca de 95% da produção no Brasil está nos estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Bahia e Pernambuco, sendo o Rio Grande do Norte responsável por 50% da produção nacional."(SENAR, 2007, p. 11)

Para uma análise mais detalhada das informações contidas na tabela 2, segue abaixo a tabela 3, onde dados do IBGE (2009), mostram a área, a produção e o rendimento de melão nos principais municípios produtores desta fruta no Brasil no ano de 2007.

Tabela 3. Área, produção e rendimento de melão nos principais municípios produtores do Brasil (2007)

Município/Estado	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (t/ha)
Mossoró, RN	5.000	140.000	28
Quixeré, CE	3.115	77.875	25
Baraúna, RN	2.210	68.510	31
Icapuí, CE	1.700	42.500	25
Aracati, CE	1.150	29.095	25,3
Juazeiro, BA	1.519	25.823	17
Itaiçaba, CE	400	10.000	25

Curaçá, BA	540	9.180	17
Sento Sé, BA	521	8.857	17
Parazinho, RN	280	6.160	22
Russas, CE	230	5.773	25,1
Floresta, PE	250	5.500	22
Santa Maria da Boa Vista, PE	200	5.000	25

Fonte: IBGE (2009).

Na tabela 3, estão presentes os municípios que mais se destacaram em 2007, quanto à área, produção e rendimento. O destaque pode ser dado, analisando a área e a produção aos municípios de Mossoró/RN, com produção de 140.000 toneladas do fruto e Quixeré/CE, com 77.875 toneladas. Quanto a produtividade se destacam como as maiores, respectivamente, as cidades de Baraúna/RN e Mossoró/RN.

No Anuário (2013), no ano de 2011, foram obtidos 499 mil toneladas de melão (4,37% a mais do que o obtido no ano anterior) nas lavouras. A maioria dessa produção estava situada no Nordeste. Também foi possível verificar que o maior polo produtor encontrou-se nas divisas do Rio Grande do Norte (Chapada do Apodi) e no Ceará (Baixo Jaguaribe). Segundo ele, "aquele Estado respondeu por 259 mil toneladas no ano em referência; já o Ceará colheu 143 mil toneladas, mas liderou na exportação, com 101 mil toneladas." (ANUÁRIO 2013, p. 71). Outro ponto destacado foi o Vale do São Francisco, que fica localizado entre os estados da Bahia e do Pernambuco, onde no território baiano foram produzidas 42 mil toneladas de melão.

Na tabela 4, pode-se verificar o levantamento realizado pelo IBGE (2012), da área plantada, da produção e do rendimento de melão nos estados do Nordeste referentes ao ano de 2012.

Tabela 4. Área, produção e rendimento de melão nos estados produtores do Nordeste brasileiro (2012).

ESTADOS	ÁREA (HA)	%ÁREA (HA) NACIONAL	PRODUÇÃO (T)	% PRODUÇÃO NACIONAL	RENDIMENTO (Kg/HA)
Rio Grande do Norte	9.062	39,73%	260.782	45,32%	28.778
Ceará	7.794	34,17%	219.309	38,12%	28.138
Bahia	1.668	7,31%	34.719	6,03%	20.815
Maranhão	14	0,06%	106	0,02%	7.571
Piauí	483	2,12%	14.502	2,52%	30.025
Alagoas	30	0,13%	1.050	0,18%	35.000
Pernambuco	815	3,57%	16.794	2,92%	20.608
Nordeste	19.866	87,09%	547.262	95,11%	27.548
Brasil	**22.810**	100,00%	**575.386**	100,00%	**25.248**

Fonte: IBGE (2012).

De acordo com a tabela 4, e em comparação aos dados da tabela 2, podemos observar que o Rio Grande do Norte representa o estado que mais produz melões frescos no nordeste brasileiro, apresentando 45,32% da produção nacional. É possível verificar, que se comparado ao ano de 2007, houve uma redução na quantidade produzida, mas esta que não modificou a posição do estado, continuando a ser ele o maior exportador desta fruta neste período. Em seguida, podemos observar o Ceará com 38,12%, em 2012, obtendo um aumento de 3,12%, em comparação ao ano de 2007. Os estados da Bahia e de Pernambuco apresentaram uma redução na produção, variando de 10,48% e 3,51%, em 2007, para 6,03% e 2,92% em 2012, respectivamente.

Em conformidade ao que foi exposto na tabela 4, Tabio (2014, p. 40) informa que no ano de 2012:

> Os estados que mais participam da pauta de exportação em ordem são, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia, esses mesmo estados podem ser observados em território nacional como os maiores produtores em quantidade e em valor de mil reais também. O Ceará nesse período exportou US$78.589.139,00 e o Rio Grande do Norte US$54.056.370,00, isso dá uma diferença de 45% para o Ceará, e como a Bahia exportou somente US$1.373.502,00, o Rio Grande do Norte apresentou uma variação de 3.836% a c uma exportação com caráter esporádico, aparecendo nos anos 2000, 2001, 2009, 2012 somente, apesar de produzir em quantidade no Brasil em todos os anos exceto 2007. (TABIO, 2014, p. 40).

"O Rio Grande do Norte é o maior produtor nacional de melão, com 45% das 575.386 toneladas colhidas em 2013." (ANUÁRIO, 2014, p. 75) Em sequência os estados do Nordeste

que apresentam maior produção são: Ceará, Bahia e Pernambuco. E segundo esta fonte, problemas que afetam a safra nordestina refletem-se nos negócios do setor como um todo.

> No Brasil, o melão é bastante apreciado e cultivado, ocupando, em 2013, uma área de 22.810 hectares, com produção de 575.386 toneladas de frutos, chegando a um rendimento de 96.635 kg ha-1. A região Nordeste é responsável por 87% da produção nacional, tendo como maiores produtores os Estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Bahia e Pernambuco, destacando-se o primeiro, tanto em área cultivada como em produção. (DIAS, 2014, p. 13 *apud* IBGE, 2013).

Os estados nordestinos desenvolvem papel importante na exportação de frutas brasileiras, entre elas o melão fresco, pode-se verificar que os:

> Dados do IBRAF mostram os estados da Bahia, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e São Paulo, em ordem decrescente, como os maiores exportadores de frutas frescas. As mais exportadas são uva, melão, manga, maçã, limão e melancia. Entre os processados, os de maior volume são a castanha-de-caju e o suco de laranja. Os países que mais importam frutas do Brasil são: Países Baixos, Reino Unido, Espanha, Estados Unidos e Argentina, que juntos são responsáveis por cerca de 72% do volume negociado. (CUNHA, 2009, p.04)

O Nordeste possui suma relevância quanto a exportação de melão para países pertencentes a OCDE, na próxima sessão será abordado este bloco econômico e sua para esta região, apresentando valores e dados que demostram que e pode ser considerada a maior produtora e exportadora brasileira, tornando os dados nacionais referentes a região em análise.

2.3.3. A OCDE COMO PRINCIPAL IMPORTADOR DE MELÃO FRESCO DO BRASIL E DO NORDESTE

A Organização de Cooperação para o Desenvolvimento Econômico (OCDE), de acordo com a OECD (2016), é formada por 35 países membros abrangendo todo o globo, possuem países mais avançados como também emergentes. Os países que compõem são: Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Chile, República Checa, Dinamarca, Estônia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Islândia, Irlanda, Israel, Itália, Japão, Coréia, Letônia, Luxemburgo, México, Países Baixos (Holanda), Nova Zelândia, Noruega, Polônia, Portugal, República Eslovaca, Eslovenia, Espanha. Suécia, Suíça, Peru, Reino Unido e Estados Unidos.

Países pertencentes a este bloco comercial apresentam-se como principais destinos de melões frescos brasileiros, para uma análise mais detalhada, as tabelas 5 e 6 demonstram os principais destinos das exportações brasileiras de melão em 2006 e em 2015, onde se pode observar que o principal destino das exportações são os Países Baixos.

Tabela 5. Principais destinos das exportações brasileiras de melão, 2006.

Países	Valor (US$ FOB)	Volume (Kg)
Países Baixos (Holanda)	30.400.401	57.542.050
Reino Unido	29.328.158	56.045.840
Espanha	17.793.953	38.428.641
Itália	3.775.149	8.074.709
Alemanha	2.785.489	5.413.870
Estados Unidos	1.159.899	1.593.892
Irlanda	689.181	1.253.390
Portugal	678.593	1.161.087
Polônia	579.773	1.077.869
Canadá	398.348	822.228
Demais Países	649.555	1.395.597
Total	**88.238.499**	**172.809.173**

Fonte: Secex/Datafruta-Ibraf, 2008.

Tabela 6. Principais destinos das exportações brasileiras de melão, 2015.

Países	Valor (US$ FOB)	Volume (Kg)
Países Baixos (Holanda)	65.239.669	95.863.207
Reino Unido	44.184.648	55.168.305
Espanha	32.744.544	54.652.922
Itália	4.084.786	7.037.840
Alemanha	44.534	53.690
Estados Unidos	1.055.390	1.582.000
Irlanda	2.114.368	3.186.746
Portugal	18.507	34.200
Polônia	58.251	109.796
Canadá	713.150	994.346
Demais Países	4.040.913	5.063.141
Total	**154.298.760**	**223.746.193**

Fonte: Alice Web, 2016.

Na tabela 5, observa-se que os Países Baixos importaram do Brasil em 2006 um volume de 57.543.050 quilos da fruta, uma porcentagem de aproximadamente 33% do volume total exportado. Outro país que se destaca é o Reino Unido, que aparece em segundo lugar com uma porcentagem de 32% do total. Em seguida aparece a Espanha (22%), a Itália (5%), a

Alemanha (3%) e os Estados Unidos (1%). Dessa forma, visualiza-se que no ano de 2006, os principais destinos do melão fresco foram países que compõem a OCDE.

Em análise à tabela 6, verifica-se que a exportação de melão em 2015, comparado ao ano de 2006, aumentou nos países pertencentes a OCDE. Os Países Baixos (Holanda) se mantiveram como o principal destino da fruta, importando um volume de 95.863.207 quilos e obtendo um aumento de 66,6% em 2015, comparado a 2006. Ao se analisar os demais países, encontra-se que o Reino Unido (24,7%) e a Espanha (24,4%), junto ao Reino Unido se destacam como os principais destinos de melões frescos brasileiros.

Guerra e Mendonça (2014) destaca que o Brasil teve como principais destinos de suas frutas frescas em 2010, a Holanda, com mais de um terço do valor (36,62%) e do volume (34,73%) totais, o Reino Unido (18,22% do valor e 15,77% do volume) e a Espanha (10,17% e 12,20%). Além disso, os autores completam a lista dos dez maiores importadores de frutas brasileiros no último ano, com os países: Argentina, Estados Unidos, Uruguai, Alemanha, Portugal, Itália e França. Onde a maior parte destes encontra-se no bloco econômico estudado, destacando a importância da OCDE na exportação de frutas brasileiras e em especial o melão fresco.

Em 2010, a União Europeia se apresentou como o maior importador do melão brasileiro. Para ele, os países que compõem esse bloco econômico, no ano de 2010 importaram mais de 98% do total do volume exportado. Além disso, ele reforça que, entre os países que compõem esse bloco, só a Holanda foi responsável por importar 59,68% de todas as exportações do melão brasileiro. (RODRIGUES, 2012)

De acordo com publicação da revista Hortifruti Brasil (2012), o Brasil se apresenta como um grande fornecedor de melão para a Europa, por conseguir colher e embarcar a fruta no período de entressafra espanhola, período compreendido de agosto de um ano a março do seguinte. Para a revista, a participação do Brasil na exportação de melão para esse bloco foi de quase 40% em 2003-2005 e passou para 42,6% em 2009-2011.

De acordo com Sabio *et al* (2013), o bloco europeu em 2011 gastou um total de 7,7 bilhões de euros com a compra de frutas importadas em termos globais. Já quando visualizada a compra realizada no Brasil destes mesmos produtos, pode ser visto um gasto de 468,9 milhões de euros no período, equivalendo a uma fatia de 6,07%. Os autores destacam que o principal país importador dentro da União Europeia foi a Holanda, que possui um papel de centro re-exportador de frutas para outros países. Ainda é possível observar que:

> Apesar de, no total, o Brasil contribuir com "apenas" 6%, em valor, das frutas importadas pela Europa, o País é o maior fornecedor de melão, considerando os países de fora do bloco, seguido pelo Marrocos e Costa Rica. Entre 2009 e 2011, o País contribuiu com quase 43% das importações de melão (em valor) realizadas pela Europa. Um dos principais fatores que privilegia os embarques do melão brasileiro para a União Europeia é o período de colheita, porque produtores brasileiros conseguem colher a fruta no período de entressafra espanhola (entre agosto e março). (SABIO *et al*,2013, p.71).

De acordo com o Anuário (2013), o Brasil exporta suas frutas para 56 nações, dentre elas, a Holanda (costumeiramente chamado de Países Baixos), continua sendo a grande porta de entrada dos produtos brasileiros na Europa, onde 39,28% do total embarcado em 2012 foi destinado para ela, e onde foram distribuídos para todo o continente. Segundo esta fonte, em torno 85% das vendas brasileiras foi absorvida no mercado europeu.

A Hortifruit Brasil publicou em sua edição de 2014-2015 a importância da Europa na exportação de melão do Brasil, onde este país mesmo enfrentando longos períodos de estiagem conseguiu obter um aumento em vendas referentes ao ano anterior, onde foi possível verificar que "segundo dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior), entre agosto e novembro, o Brasil embarcou 113 mil toneladas da fruta, aumento de 11% frente ao mesmo período da safra anterior. A receita gerada por esses envios foi de US$ 88 milhões, 8% de acréscimo na mesma comparação." (ANUÁRIO 2014-2015).

Para uma análise mais detalhada da posição da região Nordeste para a OCDE, a tabela 7 expõe o histórico de exportações realizadas, durante o período de 2005 à 2014, além das exportações totais de melões realizadas pelo Brasil intrabloco e extrabloco.

Tabela 7. Total de melões frescos exportados em US$ FOB (2005-2014).

ANO	Pernambuco	Ceará	Rio Grande do Norte	Bahia	Nordeste para OCDE	Nordeste para o Mundo	Brasil para o Mundo
2005	277.200	34.464.426	55.895.585	669.926	91.307.137	91.307.137	91.481.936
2006	352.144	29.099.195	58.072.251	632.397	88.155.987	88.155.987	88.241.589
2007	629.240	41.922.612	85.134.310	204.384	127.890.546	128.002.421	128.213.642
2008	475.125	85.640.589	64.907.765	440.354	151.463.833	151.933.532	152.132.031
2009	526.588	74.066.219	45.545.236	1.614.168	121.752.211	121.846.413	122.094.688
2010	289.533	74.138.901	45.667.304	1.626.360	121.722.098	121.786.343	121.969.814
2011	181.853	76.340.913	50.547.135	1.160.611	128.230.512	128.251.897	128.353.767
2012	29.079	78.233.955	53.984.272	1.373.502	133.620.808	133.666.802	134.114.090
2013	119.412	85.842.446	58.020.329	392.164	144.374.351	144.441.846	147.579.929
2014	81.147	88.177.946	59.866.457	530.860	148.656.410	148.834.068	151.817.079
TOTAL	**2.961.321**	**667.927.202**	**577.640.644**	**8.644.726**	**1.257.173.893**	**1.258.226.446**	**1.265.998.565**

Fonte: Alice Web, 2016.

De acordo com a tabela 7, a região Nordeste, que é compreendida neste estudo pelos estados de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Bahia, se destacam por apresentarem os maiores números de exportações brasileiras deste tipo de produto, no período analisado.

Como pode ser observado, o Nordeste apresentou valores significativos na exportação de melões frescos, onde podemos verificar que nos anos de 2005 e 2006, 100% do valor exportado pelo Nordeste foram provenientes das exportações realizadas à OCDE. Em média, 99% do valor obtido pela exportação de melão no Brasil, foram auferidos pelo Nordeste, apresentando variações de 99,56% (em 2008) a 97,83% (em 2013), representando assim a maior e a menor percentagem obtida no período analisado.

Dessa forma, é possível compreender que todas as referências dadas ao Brasil, são referentes também a Região Nordeste. Outro fator importante a ser observado na tabela 7, é que o Ceará se destacou nas vendas de melões, chegando a alcançar 52,8%, das exportações totais brasileiras no período de 2005 a 2014. Em segundo lugar, encontra-se o Rio Grande do Norte que reduziu sua quantidade exportada ao longo do período analisado, mas que obteve 45,6% da exportação total do Brasil.

3 METODOLOGIA E BASE DE DADOS

Este trabalho analisa a competitividade da Região Nordeste Brasileira, referente à exportação de melões frescos, nos anos compreendidos de 2005-2014. Esta que foi uma das frutas mais exportadas no Nordeste nos últimos nove anos, de acordo com dados do comércio exterior, coletados na plataforma de dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, disponibilizados através do sistema de Análise de Informações de Comércio Exterior (AliceWeb).

Foi considerado o período estudado correspondente a 2005-2014 em dólares estadunidenses (USD). As bases de dados foram o IBGE e a FAO, para o cálculo dos índices foi utizada a a AliceWeb, que classifica o produto de acordo com a Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM). O produto analisado esta classificado como produto da oitava nomenclatura, com numeração 08071900 (Melões Frescos).

O período analisado compreendido tem início no ano de 2005, pois esse foi um ano muito representativo para o Brasil em relação à exportação da fruta em análise, onde "o melão foi, em 2005, a fruta que mais rendeu ao Brasil em exportações, cerca de US$ 91,5 milhões, seguido pela maçã e pela manga." (MAPA, 2007, p.39). Os anos seguintes seguem como avaliação do desenvolvimento da exportação desta fruta, até o ano de 2014, onde o Nordeste passou por um período de longa estiagem e uma redução considerável na produção pode ser observada a partir deste ano, o que é possível observar é que com a falta da chuva, "as pragas atacam as plantações irrigadas quando a vegetação nativa está seca. Em outubro de 2014, a ocorrência da mosca minadora aumentou". (ANUÁRIO 2014-2015, p.25). Dessa forma, neste ano, a produção da fruta obteve redução. Mas, vale ressaltar que este estudo visa analisar a evolução da exportação para a OCDE durante alguns anos, podendo ser estendido para demais anos e para diversas outras pesquisas e estudos.

A base de dados, o AliceWeb foi escolhido por possuir informações sobre o comércio exterior, assim como produção e exportação, nacionais e internacionais. O bloco econômico escolhido foi a OCDE, por ser considerado o maior bloco importador de melões frescos brasileiros, conforme dados apresentados anteriormente.

Os estados escolhidos para análise se caracterizaram como os maiores exportadores de frutas nos anos de 2005 a 2014, como foi possível verificar nas sessões anteriores. Os estados escolhidos são a Bahia, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte. É nesses estados que estão localizadas as regiões produtoras de frutas frescas do Nordeste, que são o Vale São

Francisco, o Vale do Açu e o Vale do Jaguaribe. O Vale do São Francisco compreende uma região que se localiza "principalmente nos municípios de Juazeiro, Curaçá, Sento Sé e Casa Nova no Estado da Bahia e em Petrolina no Estado de Pernambuco." (MAPA, *s.d.*, 2016) . E de acordo com a EMBRAPA (2009) o Vale do Açu, fica localizado no Rio Grande do Norte, e o Vale do Jaguaribe, no Ceará. Nesta análise iremos identificar os estudos através dos estados.

Os índices escolhidos foram o Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) e o Índice de Orientação Regional (IOR), que são índices que mostram a existência ou não de vantagem comparativa para exportação de determinado produto, no caso do IVCR e se a tendência de determinado país foi a de exportar ou não para um determinado bloco. A análise desses índices se baseou em estudos realizados anteriormente para outros produtos. Entre eles, se destaca um estudo realizado por Waquilet *et al* (2004), onde foram analisados os índices de vantagem comparativa revelada e de orientação regional, e tiveram como produtos estudados: a soja e seus derivados, o suco de laranja, fumo, carne bovina, frango, café. O período compreendido foi de 1991 a 2001e a análise pretendia estudar o comportamento do comércio agrícola brasileiro com a União Européia (EU). Os resultados apontam que, o Brasil apresentou vantagens comparativas reveladas, em todos os produtos analisados, apresentando valores estáveis ou crescentes no período. Através do IOR, foi demostrado que a maior orientação das exportações está voltada para a União Européia, exceto para o açúcar e o frango.

Outro estudo analisado que ajudou na escolha destes índices foi o de Lopes et al (2014), no artigo que recebeu o título de Análise da Competitividade das Exportações Brasileiras de Soja em Grão e de Minério de Ferro para China (1999-2012). Nesse artigo foi possível verificar através da análise dos índices de IVCR e IOR, que as exportações de soja em grão possuem orientação para a China, de forma a apresentar tendência crescente. E que o minério de ferro apresentou-se relativamente constante durante o período analisado.

Nas sessões a seguir serão apresentados maiores informações sobre os índices escolhidos para analise deste trabalho e os resultados encontrados.

3.1 Índice de Vantagem Comparativa Revelada e Índice de Orientação Regional

O Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) tem por base a lei das Vantagens Comparativas, formulada por David Ricardo (1817). Este índice criado por Balassa (1965) propõe uma análise através das exportações. Segundo Maia (2002) *apud* Dorneles, Dalazoana e Schlindwein (2013), o IVCR é uma média revelada, pois sua quantificação se baseia em dados pós-comércio e seu objetivo é mostrar o desempenho relativo das exportações de um dado produto em um determinado país, em uma categoria de produtos individuais, verificando se esse produto possui ou não vantagem comparativa no setor analisado.

O IVCR fornece um indicador da estrutura das exportações de uma região ou país, e é representada pela equação:

$$IVCR_{ij} = \frac{\left(\frac{X_{ij}}{Xi}\right)}{\left(\frac{X_{zj}}{X_z}\right)}$$

Onde:

Xij= valor das exportações nordestinas de melões frescos;

Xi = valor total das exportações nordestinas;

Xzj = valor das exportações brasileiras de melões frescos;

Xz = valor total das exportações brasileiras;

i= Estados do Nordeste: Bahia; Ceará; Pernambuco e Rio Grande do Norte;

j= Produto: Melão.

z= País: Brasil.

A análise dos resultados se dá através dos valores obtidos pelos índices. Um IVCRj>1, significa que o país possui vantagem comparativa revelada para as exportações de melões frescos. Um IVCRj<1, implica que o país possui desvantagem comparativa revelada para as exportações do produto analisado.

"O IVCR não é sensível as diferenças de taxa de crescimento econômico dos países analisados, mas é sensível as barreiras que são aplicadas exclusivamente ao país que se deseja

calcular o índice". (GREGÓRIO *et al*, 2015, p. 08). Essa é uma diferença que pode ser analisada no Índice de Orientação Regional, que será visto a seguir.

Em Lopes *et al* (2014), encontramos que este Índice de Orientação Regional (IOR) é determinado por diversos fatores os quais podem orientar o comércio de determinado produto a uma certa região ou não, quer sejam eles vantagens comparativas, barreiras ao comércio e custos de transporte.

É possível verificar algumas diferenças entre os índices analisados na citação abaixo de Waquil *et al* (2014), extraída de uma publicação de Gregório *et al* (2015, p. 09), onde:

> Assim como o IVCR, o IOR varia de zero a infinito, sendo que quando o valor for acima da unidade, tem-se tendência em se exportar para o parceiro comercial analisado; se for abaixo da unidade, o país tende a exportar a outros parceiros comerciais; se for igual a unidade, existe uma mesma tendência entre exportar ao parceiro comercial ou pra outros parceiros comerciais O IOR é mais significativo se for analisado com comparações ao longo do tempo. Barreiras comerciais e acordos regionais podem influir significativamente nos valores de IOR calculados, tornado visível alterações no fluxo de comercio regional devido essas medidas (WAQUIL et al., 2004)

Nesta sessão iremos analisar as exportações brasileiras de frutas melões para o bloco econômico OCDE e para o extrabloco. Abaixo seguem informações sobre como realizar o cálculo do IOR.

O índice de orientação regional é calculado através da fórmula:

$$IOR_{ij} = \frac{\left(\frac{X_{ij}}{Xi}\right)}{\left(\frac{X_{zj}}{X_z}\right)}$$

Onde:

Xij = Valor das exportações nordestinas intrabloco de melões frescos;

Xi= Valor total das exportações nordestinas intrabloco;

Xzj= Valor das exportações brasileiras extrabloco de melões frescos;

Xz= Valor total das exportações brasileiras extrabloco;

i= Estados do Nordeste: Bahia; Ceará; Pernambuco; Rio Grande do Norte;

j= Produto: Melões frescos;

z= País: Brasil.

De acordo com Souza e Ilha (2004), o resultado deste índice situa-se entre zero e infinito, onde um valor igual a um, indica uma tendência de exportar para dentro e para fora

do bloco, de uma mesma vez. Já se eles forem valores crescentes, demonstra que existe uma tendência a exportar intrabloco. Caso seja decrescente, indica que as exportações se direcionam para fora do bloco.

Segundo Yeats (1997) *apud* Coronel e Dessimon (2007), "o índice situa-se num intervalo entre zero e infinito, no qual a unidade indica uma mesma tendência para exportar o produto a membros e a não membros, enquanto valores crescentes, observados ao longo do tempo, indicam tendência para exportar mais para dentro do bloco".

Da Silva e Silva (2006), reforçam que o IOR mostra a razão entre a parcela da produção que são destinadas às exportações para a região analisada, sobre a parcela da produção que é destinada às exportações para terceiros.

3.2 Análise Descritiva dos Dados Utilizados

Esta sessão aborda a análise descritiva de dados, tratando da exportação do melão e da sua taxa de crescimento e explicando os fatores externos que influenciaram para os valores encontrados, para isso iremos observar a tabela 8, e abaixo teremos uma análise dos valores obtidos:

Tabela 8. Análise descritiva do crescimento da exportação do melão em US$ FOB (2005 -2014).

ANO	Exportações de Melões do NE brasileiro para OCDE	Taxa de Crescimento OCDE	Exportação de Melões do NE para extrabloco
2005	91.307.137	-	52.066
2006	88.155.987	-3,45%	57.168
2007	127.890.546	45,07%	82.395
2008	151.463.833	18,43%	123.392
2009	121.752.211	-19,62%	193.358
2010	121.722.098	-0,02%	161.201
2011	128.230.512	5,35%	100.085
2012	133.620.808	4,20%	427.282
2013	144.374.351	8,05%	3.104.393
2014	148.656.410	2,97%	2.721.987

Fonte: AliceWeb

Na tabela 8, encontramos os valores das exportações de melões do nordeste brasileiro para a OCDE, assim como sua taxa de crescimento e o valor das exportações realizadas pelo Nordeste para os outros blocos econômicos. É possível verificar que as exportações de melão

fresco se sobrepõem na OCDE, apresentando valores acima de US$ 88.155.987, alcançando em 2008, o valor de US$ 151.463.833. Em análise aos valores obtidos extrabloco, o nordeste demonstra uma pequena participação neste mercado, com valores que variam de US$ 52.066 (em 2005) à US$ 3.104.393 (em 2013). Esses dados servem para ressaltar a importância da OCDE para o Nordeste e, desta forma, para o Brasil.

Através da tabela 8, é possível verificar que no ano de 2006, houve uma redução de 3,45% na exportação de melões brasileiros para a OCDE. É importante lembrar que, ao se referir à produção do Brasil, subentende-se, Nordeste, conforme visto anteriormente. Segundo dados da CEPEA, revelados na HORTIFRUTI BRASIL (2007), em 2006, cerca de 500 hectares foram perdidos devido a problemas causados por chuvas entre março e abril. De acordo com a fonte, alguns melões perderam a qualidade e isto foi o que mais prejudicou a venda da fruta nesse período, que são os principais meses da safra local.

Confirmando essa mesma informação, a Revista HORTIFRUTI BRASIL (2006), também relatou a participação nessa redução, observando uma grande ligação com as chuvas entre março e abril. Os problemas relatados foram que devido ao excesso de umidade na roça, alguns produtores perderam lavouras inteiras e também alguns dos melões colhidos apresentaram problemas no talo e sementes soltas, desvalorizando a qualidade da fruta na região. E, após os períodos de chuvas em abril, poucos produtores no Vale do São Francisco continuaram com o cultivo desta fruta até o final da safra. Assim, foi possível observar uma redução da área plantada em torno de 25% em relação a safra anterior.

Apesar dos prejuízos obtidos no início da safra, a menor oferta do produto, no período compreendido de maio a julho de 2006, houve uma valorização da fruta, o que garantiu a rentabilidade dos produtores que ofertaram o melão no período. Cada caixa de 13 kg do melão fresco foi vendido a R$ 20,69/cx em média, no período de maio a julho de 2006, obtendo alta de 12% sobre o mesmo período da safra passada. Os preços que foram recebidos pela fruta foram necessários para superar o valor mínimo necessário para cobrir os gastos com a produção que foram de R$ 11,00/cx de 13 kg, em média. (HORTIFRUTI, 2006)

O Anuário (2007) constatou que embora o ano de 2006 tenha apresentado uma leve queda percentual em relação ao volume exportado e a receita obtida no ano anterior, de -3,90% e -3,54%, respectivamente, esta fruta conseguiu manter um bom desempenho nas exportações neste ano, reforçando a posição brasileira entre um dos grandes fornecedores mundiais de melões frescos. De acordo com o Anuário (2007, p. 81), “No balanço de 2006, a defasagem cambial e a legislação tributária voltaram a assumir os papéis de vilões

protagonizados nos últimos anos. Mas, pelo menos em relação ao melão, o impacto não foi de grandes proporções.”.

Na Tabela 8, no ano de 2007 é possível observar um aumento na taxa de crescimento da exportação de melão de 45,07%, esse resultado pode ser observado pela queda do dólar e com a valorização do real que, de acordo com o IBRAF (2016) , os exportadores de frutas brasileiras conseguiram resultados superavitários, sendo o melão umas das frutas responsáveis por esse resultado, onde esta fruta obteve um aumento de 45% em valor e 18% em volume.

De acordo com o HORTIFRUTI (2007), as exportações brasileiras de melões compreendidas entre agosto e setembro de 2007 (período que marca o início dos embarques para o exterior), dobraram em comparação ao mesmo período do ano anterior. Esta fonte explica que o aquecimento das vendas para o mercado internacional, no ponto de vista dos produtores, aconteceu devido à boa qualidade da fruta nacional, que tem conquistado consumidores de mercados tradicionais e novos também. Além disso, o Brasil possui uma vantagem na oferta para exportação de algumas variedades de melões, estes que são demandados pelo bloco europeu e pouco ofertado pelos demais países produtores, são eles, o honeydew e pele de sapo.

Celin et al (2014) destaca que outro fator no ano de 2008 foi a influência da falência de uma empresa produtora do Rio Grande do Norte na redução das exportações onde:

> O RN, de 2002 à 2007, contribuiu com mais de 60% das exportações nacionais e o CE com aproximadamente 30% mas, em 2008, com a falência da principal empresa produtora do RN, ocorreu inversão nessa contribuição, assim o CE passou a contribuir com mais de 50% e o RN com aproximadamente 40% das exportações nacionais (Figura 4). A partir de então, outra empresa, com sede no Ceará, assumiu a liderança nacional e vem expandido sua produção ano a ano. (CELIN et al, 2014)

Na tabela 8 é possível observar que em 2008 existiu um crescimento de 18,43% do valor exportado de melão fresco para o bloco analisado, obtendo um aumento, mas em proporções menores do que o ano anterior, nas vendas externas. Foi possível notar que mesmo com a falência de uma empresa no Rio Grande do Norte, houve resultado positivo nas exportações.

De acordo com Araújo e Correia (2010, p.16, *apud* Secex, 2009), no ano de 2008, “a Holanda, que atua como mercado reexportador distribuindo o produto para os demais países do continente, importou 76 mil t, seguida pelo Reino Unido com 68 mil t; em seguida, vem a Espanha (46 mil t). Outros países que também se destacam como importantes centros importadores do melão brasileiro são: Alemanha, Itália e Portugal”

Em 2009, houve uma redução na exportação de melão para o mercado Europeu. Segundo o Anuário (2010), a queda nas transações internacionais pode estar ligada à diminuição na produção do Rio Grande do Norte, direcionada ao continente Europeu.

Catermol e Lautenschlager (2010) frisaram que durante a crise de 2009, existiu uma contração do comércio internacional que pode ser associada em primeira instancia a uma menor demanda decorrente da redução da renda das principais economias mundiais, onde existiu uma menor capacidade de importação que levou à queda de exportações nos países de origem.

No Anuário (2011) foram apresentadas informações sobre o volume produzido e exportado de melão pelo Brasil, nele é possível observar que a quantidade vendida de melões, obteve uma redução no seu quadro, devido aos problemas econômicos mundiais, chegando a obter uma redução entre 13% e 20% nas operações externas do produto. Em 2010, essas vendas ficaram próximas dos resultados encontrados no ano anterior, esse resultado, segundo a fonte, obteve-se no segundo semestre por conta do clima mais frio na Europa, onde o consumo foi inibido e também pela queda de produtividade no polo produtor nos últimos meses do ano analisado.

Como pode ser observado na tabela 8, o Brasil obteve um aumento de 5,35% no valor exportado de melão, "um fator positivo para as exportações em 2011 frente a 2010 foi a valorização do dólar sobre o Real no último quadrimestre, principal período de exportação das frutas. Além disso, houve queda de produtividade de vários produtos em países concorrentes do Brasil" (ANUÁRIO 2011-2012)

No ano de 2012, o Brasil obteve um aumento de 4,20% no valor exportado para a OCDE, onde foi possível verificar que o cenário para este tipo de mercado obteve um saldo positivo. De acordo com Reigadas (2013), é possível observar que o Brasil, ao se deparar com uma crise mundial, fortaleceu seu mercado interno, pois importar em períodos de crises não se torna vantajoso. Com o investimento no mercado interno de frutas, e com uma boa safra o Brasil, em geral, conseguiu um ligeiro aumento do volume de exportações, segundo a notícia publicada.

De acordo com o IPECE (2013), em seu informe 60, com dados obtidos do MDIC, as exportações de frutas nacionais registraram em 2012 um valor expressivo de US$ 854,5 milhões, onde este resultado obtido diferiu bastante do observado em 2008, onde um recorde foi alcançado de US$ 965,6 milhões dessas mercadorias vendidas ao exterior. Após constatar dois anos consecutivos de alta, em 2012 houve uma redução na exportação de frutas, mesmo

existindo um aumento no volume exportado, isso aconteceu devido a uma redução no preço médio das exportações desse grupo de produtos durante esses últimos dois anos anteriores a este.

Em 2013, é possível analisar um crescimento nas exportações de 8,05% (tabela 8).

> Levantamentos do Projeto Hortifruti/Cepea indicam que a área total de melão em 2013 aumentou 3,1% frente à de 2012, somando 14.950 hectares, sendo 2.950 hectares no Vale e 12.000 no RN/CE. O acréscimo ocorreu no cultivo do segundo semestre (entressafra) do Vale do São Francisco – de 500 hectares em 2012, a área aumentou para 950 hectares em 2013, 18% mais no período (HORTIFRUTI BRASIL 2013/2014, p.35).

O empresário Luiz Roberto Barcelos, que preside o Comitê Executivo de Fitossanidade do Rio Grande do Norte (Coex), em entrevista para o ANÚARIO (2013), explica que as exportações do melão brasileiro foram beneficiadas pela valorização do dólar, e também do euro, diante do real. Ele enfatiza que a situação externa acabou ajudando igualmente o mercado doméstico, que registrou em 2013, aumento médio de preços da ordem de 10%. (ANUÁRIO, 2013)

No ano de 2014, nota-se que existiu um recuo na exportação de comparado ao ano de 2013, mas que mesmo assim a fruta em análise apresentou um aumento de 2,97%. Segundo o Anuário (2014-2015), esse recuo se deu na entressafra e no período de final de ano, onde pode ser observada uma redução na área de 15,8% (150 hectares) frente ao mesmo período do ano anterior. Outro motivo indicado foi que em outubro de 2014, a ocorrência da mosca minadora aumentou, reduzindo a produção na fruta. Já o aumento registrado foi referente ao inicio da safra está atrelado ao acréscimo nas vendas ao mercado internacional, que teve como principal destino a União Européia, que demandou uma boa quantidade desta fruta e que pode ser somada a antecipação do encerramento da safra espanhola da fruta.

> Em 2014, o índice de chuvas muito abaixo da média para a região afetou o resultado de safra e levou à queda da superfície semeada ainda em 2013, pois os poços de irrigação baixaram seus níveis ou secaram, e alguns salinizaram. O clima seco favoreceu os ataques de pragas e doenças, e os produtores tiveram maior custo com defensivos. (ANUÁRIO, 2014, p. 79)

Ao se analisar o período compreendido entre 2005-2014, podemos verificar que a exportação apresentou um crescimento, mesmo existindo períodos de reduções, o que foi possível verificar análise realizada acima é que preponderou a elevação dos números exportados. Apesar de o setor ter enfrentado fatores fortes como a crise econômica mundial e fatores ambientais, que prejudicaram a produtividade, o cenário regional Nordestino, no quesito a exportação de melões frescos, apresentou um crescimento considerável e tornou a Região Nordeste em uma das maiores exportadoras desse fruto.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O presente capítulo trata da descrição dos dados e discussão dos resultados, coletados a partir da fonte da base de dados do sistema Análise de Informações de Comércio Exterior (AliceWeb) e do cálculo dos índices, IVCR e IOR , onde podem ser observados seus resultados nas tabelas 8,9 e 10.

As vantagens comparativas reveladas, apresentadas na tabela 9, ilustram a competitividade do melão fresco no Nordeste diante a OCDE. Os valores do IVCR acima de 1 indicam vantagem comparativa favorável aos produtos do Nordeste em relação a OCDE. Destaca-se o aumento deste índice no período analisado (2005 a 2014), exceto nos anos de 2009 e 2012, que apresentaram uma queda em relação ao ano anterior, que podem estar relacionadas com a menor demanda do continente Europeu e a redução do preço médio das exportações.

Através do cálculo do IVCR foi possível observar que o Nordeste brasileiro possui grande competitividade na exportação desta fruta, em comparação com outros concorrentes. Este índice é um importante indicador para o comércio exterior de um país, sendo o melão fresco, um produto que possui vantagem comparativa revelada na produção e revela que este segmento possui grande potencial para exportação.

Tabela 9. Índice de vantagem comparativa revelada (IVCR)

ÍNDICE DE VANTAGEM COMPARATIVA REVELADA (IVCR)										
ANO	**2005**	**2006**	**2007**	**2008**	**2009**	**2010**	**2011**	**2012**	**2013**	**2014**
VALOR	13,31	13,51	13,71	13,01	12,77	13,79	14,89	13,70	16,06	15,93

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 10, podemos observar que o Índice de Orientação Regional se manteve maior do que a unidade, isso indica que o país manteve suas exportações voltadas para esse parceiro comercial, que é a OCDE no período analisado (2005-2014). Demostrando que o Brasil obteve uma tendência de exportação para o bloco econômico. É possível analisar os valores obtidos neste índice e observar que eles se apresentam de forma crescente ao longo do período estudado, expressando que o país fortaleceu seu vinculo com o bloco econômico estudado, tendo apenas uma redução nesta orientação no ano de 2012. Esta redução na orientação pode estar vinculada a crise mundial instalada e ao fortalecimento do mercado interno brasileiro, onde foram reduzidas as importações de alguns produtos, com foi visto anteriormente.

Tabela 10. Índice de orientação regional (IOR)

ÍNDICE DE ORIENTAÇÃO REGIONAL (IOR)										
ANO	**2005**	**2006**	**2007**	**2008**	**2009**	**2010**	**2011**	**2012**	**2013**	**2014**
VALOR	3,62	3,78	4,00	4,04	5,33	6,00	6,70	5,99	6,54	7,11

Fonte: Elaboração própria

Ao se observar os dois índices é possível notar a importância do bloco Econômico (OCDE) para o Nordeste Brasileiro e também a evolução das exportações, possuindo vantagem comparativa revelada e orientação regional no período analisado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou analisar as exportações de melões frescos brasileiros para o bloco Econômico da OCDE, através de análise descritiva de dados, do cálculo dos índices de Vantagem Comparativa Revelada e do Índice de Orientação Regional. Bem como uma análise bibliográfica com objetivo de verificar a importância desse bloco para a economia da Região Nordeste brasileira.

O que pode ser observado é que o melão fresco possuiu uma crescente demanda ao longo do período analisado, exceto em três anos, em 2006, 2009 e 2010, onde foi possível verificar uma redução no valor exportado para o bloco. Alguns dos fatores observados, que fizeram com que a produção e a exportação do fruto reduzissem nesses anos, foram às chuvas, a seca, as pragas (mosca minadora), redução da área plantada e as crises econômicas e suas consequências e as barreiras não tarifárias. Existiram também motivos onde foi possível observar o aumento da produção mundial, entre eles podemos destacar, os períodos de entressafra no bloco analisado, as crises econômicas mundiais e o clima e tipo de solos encontrados nas regiões produtoras de melões.

Quanto à análise dos índices, tanto o IVCR, como o IOR, podemos verificar que a exportação de melão para a OCDE, possui vantagem comparativa revelada e orientação regional para o bloco no período analisado, possuindo em alguns anos a redução dos valores comparados aos anos anteriores, mas que não fizeram com que esse quadro se revertesse em modificação do cenário geral.

Para o fortalecimento da ligação do Brasil e da região Nordeste com a OCDE, torna-se necessário que, cada vez mais, sejam desenvolvidas políticas públicas que busquem o aumento das exportações, o desenvolvimento tecnológico do setor e a promoção do desenvolvimento local de forma sustentável.

Maiores investimentos em tecnologias de cultivo e irrigação, além do controle das pragas, são fortes aliados no desenvolvimento das regiões nordestinas, para que se possa expandir cada vez mais a produção e exportação, desenvolvendo a região economicamente, aliada ao desenvolvimento da economia e da população local.

Este estudo não pode ser intitulado como completo sobre a importância desse bloco econômico para a exportação do Melão do nordeste brasileiro, podendo ser expandido para uma análise mais detalhada, através de maiores estudos e a utilização de outros índices que constatem tal veracidade.

REFERÊNCIAS

ABANORTE. Fruticultura lidera produção. Disponível em: <http://www.abanorte.com.br/noticias/frutas-no-nordeste-ultrapassa-pecuaria> Acesso em: 30 Out. 2015.

ANUÁRIO. Anuário brasileiro da fruticultura 2007 / Erna Regina Reetz ... [et al.]. – Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2007. 136p. : il.
02 Ago. 2016.

_____. Anuário brasileiro da fruticultura 2008 / Sílvio Corrêa ... [et al.]. – Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2008. 136 p. : il.

_____. Anuário brasileiro da fruticultura 2010 / Cleonice de Carvalho ... [et al.]. – Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2010. 128 p. : il.

_____. (2013). Anuário brasileiro da fruticultura 2013 / Heloísa Poll ... [et al.]. – Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2013

_____. (2014). Anuário Brasileiro de Fruticultura 2013/ Cleiton Evandro dos Santos... [et al] – Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2013.

_____. (2015). Anuário brasileiro da fruticultura 2014 / Erna Regina Reetz . [et al.]. – Santa Cruz do Sul: editora Gazeta Santa Cruz, 2015. 104 p.: il.

ANUÁRIO Hortifruti Brasil (2006). Melão pode liderar ranking das exportações brasileiras de frutas em 2007. Dezembro/2006. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/edicoes/53/melao.pdf>. Acesso em: 02 Ago. 2016.

_____. (2007). Melão. Fevereiro/2007. Disponível em: <http://cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/edicoes/54/melao.pdf>. Acesso em: 20 Set. 2016.

_____. (2011-2012). Anuário Hortifruti Brasil – Retrospectiva 2011-2012. Disponível em: <http://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/capa/anuario-2011-2012.aspx>. Acesso em: 07 Ago. 2016.

_____. (2013-2014). Melão. Preços recordes animam produtores do Vale em 2013; no RN/CE, baixo nível de água preocupa. Dezembro de 2013/Janeiro de 2014. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/edicoes/130/melao.pdf>. Acesso em: 07 Ago. 2016.

ARAÚJO, Aracy Alves; SOUSA, Alexandre Gervásio; SANTOS, Ricardo Bruno N. dos. Exportação Brasileira de Melão: Um Estudo de Séries Temporais. Rio Branco – Acre, 20 a 23 de julho de 2008. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural.

ARAÚJO, José L.P., ASSIS, Joston S. de, COSTA, Nivaldo D., PINTO, José M., DIAS, Rita de C., SILVA, Carla M. de J. Produção Integrada de Melão no Vale do São Francisco:

Manejo e Aspectos Socioeconômicos. Embrapa Semiárido – Capítulo em livro técnico-científico (ALICE). 2008. Cap. 3. P.43-50.

ARAÚJO, Vilma F. da S.; CAMPOS, Araújo D. F., A Cadeia Logística do Melão Produzido no Agropolo Fruticultor Mossoró/Açu. Vol. 42, n.03, Jul. – Set., 2011, 26 p.(Documento Técnico-Científico).

BALASSA, B. Trade liberalization and revealed comparative advantage.Washington, D.C.: Banco Mundial, 1965.

BALBACK, A. As frutas na medicina doméstica.12 ed. São Paulo: A. Edificação do Lar, [s.d.] 370p.il

Blanchard, Oliver (Oliver Jr.). Macroeconomia: teoria e política econômica/ OlivierBlanchard; tradução [da 2.ed original] de Maria José Cyhlar Monteiro. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2001 – 9ª reimpressão

BRANCO, Danyelle K.S. Análise da competitividade das exportações do Brasil de frutas selecionadas no mercado internacional. In: VIII SOBER Nordeste, Novembro de 2013, Parnaíba- PI – Brasil.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Cadeia produtiva de frutas / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Secretaria de Política Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura ; Antônio Márcio Buainain e Mário Otávio Batalha (coordenadores). – Brasília : IICA : MAPA/SPA, 2007.

_____. _____. Produção integrada no Brasil : agropecuária sustentável alimentos seguros / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretária de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. – Brasília : Mapa/ACS, 2009.

BRASIL/Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Disponível em: <www.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em: 17 Ago. 2016.

BrazilianFruit. Histórico. Disponível em: <http://www.brazilianfruit.org.br/Pbr/Brazilianfruit/Historico.asp>. Acesso em: 14 Abr. 2016.

BEGHIN, John C. Nontariff Barrirers. CARD, Iowa State University, 2006.

BRAGA SOBRINHO, Raimundo. Produção integrada de melão / Raimundo Braga Sobrinho... [et al.], organizadores. – Fortaleza: Embrapa Agroindústria Tropical, Banco do Nordeste do Brasil, 2008.

BUSTAMANTE, Paula Margarita A. Cares. A fruticultura no Brasil e no Vale do São Francisco: Vantagens e Desafios. Revista Econômica do Nordeste, Volume 40, nº 01, Janeiro-Março 2009.

CAVALCANTE, Alexsandre L., MINDÊLLO, Marlene G. Evolução das Exportações Cearenses de Melões – 2007 a 2012. [Editorial]. Enfoque Econômico, IPECE, n.58, p. 6, jan. ,2013.

CARVALHO, J. M., e MIRANDA, D. L. (2009). As exportações brasileiras de frutas: um panorama atual. *Anais do Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*, Porto Alegre, RN, Brasil, 47.

CELIN EF; PASTORI PL; NUNES GHS; ARAGÃO FAS. 2014. Agronegócio brasileiro do melão na última década. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE OLERICULTURA, 53. Horticultura Brasileira 31: S0246 – S0253.

CONTINI, Elísio; JÚNIOR, Marcos A. G.P.; SANTANA, Carlos A.M.;JÚNIOR, Geraldo. M.; Exportações Motor do agronegócio brasileiro. Revista Política Brasileira. Ano XXI – Nº 2 – Abr./Maio/Jun.2012.

CORONEL, Daniel Arruda; DESSIMON, João Armando Dessimon. VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS E ORIENTAÇÃO REGIONAL DA SOJA BRASILEIRA EM RELAÇÃO À CHINA. Estudos do CEPE, Santa Cruz do Sul, p. 80 - 102, aug. 2008. ISSN 1982-6729. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/cepe/article/view/302/238>. Acesso em: 23 Ago. 2016.

COSTA, Nivaldo Duarte. O Cultivo do Melão. Disponível em: <http://www.hortibrasil.org.br/jnw/images/stories/Melao/m.69.pdf>. Acesso em: 29 Nov. 2015.

CRISÓSTOMO, ***E***. A ; SANTOS, A. A. dos. ; HAJI, ***BV*** ; FARIA.C. M. B. de. ; SILVA, D. J. Da. ; FERNANDES, F. A. M ; SANTOS, F. J. de S ; CRISÓSTOMO, J. R ; FREITAS, J. de A. D. de ; HOLANDA, J. S. de ; CARDOSO, J. W ; COSTA, N. D. Adubação, irrigação, híbridos e práticas culturais para o meloeiro no nordeste. EMBRAPA, Fortaleza-CE, 21p. 2002. (Circular Técnica , 14).

CUNHA, Juliana. Fruticultura: o Nordeste em transformação. Rio Bravo Fronteiras. Nov.2009, 7 p.

DA SILVA, Orlando Monteiro, SILVA, Adriana Ferreira. Intensidade e Orientação Regional do Comércio entre os Países do MERCOSUL no Período de 1990-2004. ESALQ/USP. Piracicaba – São Paulo, *s.d.*, 15 p.

DERAL - Departamento de Economia Rural, Fruticultura. Análise da Conjuntura Agropecuária Dezembro de 2012. Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento. Responsável: Engenheiro Agrônomo Paulo Fernando de Souza Andrade Contato: pauloandrade@seab.pr.gov.br; (41) 3313-4136. Dez., 2012.

_____._____. Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento. Mai., 2015. 10 p.

DIAS, Vander Gouveia. Crescimento, fisiologia e produção do meloeiro "pele de sapo" cultivado sob diferentes lâminas de irrigação. Universidade Estadual da Paraíba – UEPE. Campina Grande – PB. Fev. de 2014. 84 p.

Distrito de Irrigação Nilo Coelho (DINC). Histórico. Disponível em: <http://www.dinc.org.br/?page_id=98>. Acesso em: 19 Jun. 2016

DORNELES, T.M.; DALAZOANA, F.M.L.; SCHLINDWEIN, M.M. Análise do Índice de Vantagem Comparativa Revelada para o Complexo da Soja Sul-Mato-Grossense. Rev. de Economia Agrícola, São Paulo, v. 60, n. 1, p. 5-15, jan./jun. 2013.

Economia da inovação tecnológica / Victor Peralez, TamásSzmrecsányi, organizadores; tradução dos capítulos 16 e 18, TamásSzmrecsányi. – São Paulo: Hucitec: Ordem dos Economistas do Brasil, 2006.

EMBRAPA. Caracterização dos principais pólos de produção da banana no Brasil. Sistemas de Produção. Versão Eletrônica. Jul. de 2009.

_____. Produção de Hortaliças no Brasil. Produção Brasileira de Melão (Período 2001-2012). Versão Eletrônica, Brasília, 2013.

Evaristo M. Neves e Luciano Rodrigues, Esalq/Usp. O Mapa da Exportação Brasileira. Cultivar HF • Dezembro 2004 / Janeiro 2005

FIGUEIREDO, Renato Correia de. Lâmina e frequência de irrigação na cultura do melão tutorado no Vale do Baixo São Francisco. / Renato Correia de Figueiredo, -- Juazeiro, 2014. 65f. il. : 29 cm.

GUERRA, Amilton Gurgel e MENDONÇA, Vander. Manual de Fruticultura Tropical. Banana, Caju, Goiaba e Mamão. 2ª Edição. 2014.

GREGORIO, Marcelo; FERREIRA, Jonathan D.; BRAUN, Mirian B. S., A teoria da proteção e os conflitos comerciais entre Brasil e Argentina. 2005. 18 p.

HERRERA, Vânia E., BELOTTI, Carolina, SANTOS, Marco A. Cadeia produtiva de frutas para exportação: Limitações e melhorias na infraestrutura de transportes. In: XXX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO Maturidade e desafios da Engenharia de Produção: competitividade das empresas, condições de trabalho, meio ambiente. São Carlos, SP, Brasil, 12 a15 de outubro de 2010.

IBGE. A Economia Brasileira no 3º Trimestre de 2015: Visão Geral. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Contas_Nacionais/Contas_Nacionais_Trimestrais/Comentarios/pib-vol-val_201503comentarios.pdf>. Acesso em: 20 Ago. 2016.

IBRAF (Instituto Brasileiro de Frutas). O sistema agroalimentar de frutas e derivados. Disponível em: <http://www.ibraf.org.br/detalhe.aspx?id=1> Acesso em: 30 Out. 2015

_____. Cresce exportação de frutas. Disponível em: <http://www.ibraf.org.br/imprensa/imp_release28.asp>. Acesso em: 03 Ago. 16.

IPECE | INFORME 60: Análise da Dinâmica das Exportações de Frutas - 2007 a 2012 - Brasil e Ceará. Disponível em:<http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/ipece-informe/Ipece_Informe_60_17_maio_2013.pdf>. Acesso em: 10 Fev. 2016.

JOSEANA ARANTES PEREIRA. Melão. Conversando de Economia com os Hortifruticultores. BRASIL HORTIFRUTI. CEPEA- ESALQ/USP. Ano 8, Nº 88 – Março de 2010 - ISSN 1981-1837, P. 24.

KEEDI, Samir. ABC do Comércio Exterior: abrindo as primeiras páginas. 4. ed. São Paulo: Aduaneiras, 2012.

LIMA, João Policarpo R., MIRANDA, Érico Alberto de A. A fruticultura irrigada no Vale do São Francisco: Incorporação tecnológica, Competitividade e Sustentabilidade. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 32, n. Especial p. 611-632, novembro 2001.

LOPES, Mygre M., SILVA, Rodrigo A. da, FRIES, Carol D., CORONEL, Daniel, A.Análise da Competitividade das Exportações Brasileiras de Soja em Grão e de Minério de Ferro para a China (1999-2012). Revista de Administração, Contabilidade e Economia da FUNDACE, Ed. 09/2014.

MAYORGA, Rodrigo de O., Análise de transmissão de preços do mercado atacadista de melão do Brasil. Fortaleza, 2006. 94 f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.

Ministério da Agricultura. Rodada do Uruguai. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/internacional/organizacao-mundial-do-comercio-omc/rodada-uruguai>. Acesso em: 26 Out. 2015.

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em:<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=245>. Acesso em: 30 Out 2015.

MENDES, Giovanna M., COELHO, Alexandre B.G., CAMPOS, Antônio C., Efeitos das barreiras não-tarifárias impostas pela União Européia e pelos Estados Unidos sobre as exportações brasileiras de manga. Porto Alegre, p.03 , Jul. de 2009 apud BEGHIN, John C. Nontariff Barrirers. CARD, Iowa State University, 2006.

Ministério da Agricultura. Brasil vai exportar melão e melancia para o Chile. (2013). Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2013/08/brasil-vai-exportar-melao-e-melancia-para-o-chile>. Acesso em: 09 Jun. 2016.

_____. Rodada do Uruguai. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/internacional/organizacao-mundial-do-comercio-omc/rodada-uruguai>. Acesso em: 26 Out. 2015.

_____. Negociações Agrícolas da Rodada Doha. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/internacional/organizacao-mundial-do-comercio-omc/negociacoes-agricolas-da-rodada-doha>. Acesso em: 04 Abr. 2016.

MOLLER, Horst Dieter, VITAL, Tales.Os impactos da crise financeira global 2008/09 da crise na área de Euro desde 2010 sobre a balança comercial brasileira. Revista de Administração, Contabilidade e Economia da FUNDACE. Ribeirão Preto, Ago. 2013. Ed. 07/2003. 19 p.

MOURA, Maria da C. F., OLIVEIRA, Ludimilla C. S. de, SILVA, Shamyra G. de A. e, A Cultura do melão: uma abordagem acerca da cadeia produtiva no agropólo Mossoró – Assú/RN. v. 07, n. 07, 2011 – Categoria: Artigo Completo

NEGREIROS, Andréia M. P., Crescimento, produção e qualidade do melão produzido sob *Lithothamniun*/ Andréia Mitsa Paiva Negreiros – Mossoró, 2015. 85 fl.:il

NETO, Guto C., Fruticultura lidera produção. (2009). Disponível em: < http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/negocios/fruticultura-lidera-producao-1.282019>. Acesso em: 19 Jun. 2016.

OCDE-FAO, Perspectivas agrícolas 2015-2024. 2. Agricultura Brasileira: Perspectivas e Desafios - OCDEFAO 2015, 54 p., 09 de Jul. de 2015.

OECD. *Members and partners*. Disponível em: <http://www.oecd.org/about/membersandpartners/>. Acesso em: 22 Ago. 2016.
.

PORTAL BRASIL. Infraero. Cargas aéreas crescem 261% em Petrolina no quadrimestre. (2016). Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2016/05/cargas-aereas-crescem-261-em-petrolina-no-quadrimestre>. Acesso em: 14 Jun. 2016.

Programa de Exportações das Frutas Brasileiras e Derivados (*BrazilianFruit*). A fruticultura. Disponível em: <http://www.brazilianfruit.org.br/Pbr/Fruticultura/Fruticultura.asp>. Acesso em: 26 Out. 2015.

REIGADAS, Gabriella. Ibraf divulga balanço das exportações de frutas em 2012. (Fev. de 2013). Disponível em: <http://www.grupocultivar.com.br/noticias/ibraf-divulga-balanco-das-exportacoes-de-frutas-em-2012>. Acesso em: 22 Ago. 2016.

REVISTA HORTIFRUTI BRASIL [on-line], Edição: Dezembro de 2006. Melão pode liderar ranking das exportações brasileiras de frutas em 2007. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/edicoes/53/melao.pdf>. Acesso em: 02 Ago. 2016.

_____. Edição: Fevereiro de 2007. Melão. Disponível em: <http://cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/edicoes/54/melao.pdf>. Acesso em: 02 Ago. 2016.

_____. Edição: Dezembro de 2007. Melão brasileiro conquista mais espaço na Europa. Disponível em:<http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/edicoes/64/melao.pdf>. Acesso em: 04 Ago. 2016.

_____. Edição: Outubro de 2012. Mercado de frutas na União Europeia: Há mais espaço para os produtos brasileiros? Disponível em: <http://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/capa/mercado-de-fruta-na-uniao-europeia.aspx>. Acesso em: 18 de Jul. de 2016.

RODRIGUES, Julio. Competitividade das Exportações Brasileiras de Frutas para o Mercado Europeu. 24 Fev. 2012. 107 p. Dissertação (Mestrado em Administração e Desevolvimento Rural). Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFPE). Recife, Fev. 2012

RODRIGUES, Roberto. Frutas para o mundo. AGROANALYSIS – Jan., 2015, 2 p.

SABIO, RENATA P., MEIRELLES, FRANKLIN DE S., ROCHA, THELMA, SPERS, EDUARDO E. ASPECTOS MERCADOLÓGICOS DA EXPORTAÇÃO DE FRUTAS BRASILEIRAS PARA A UNIÃO EUROPEIA. Rev. de Economia Agrícola, São Paulo, v. 60, n. 1, p. 67-79, jan./jun. 2013.

SEBRAE. Mercado de fruticultura: Panorama do setor no Brasil. AGRONEGÓCIO FRUTICULTURA, BOLETIM DE INTELIGÊNCIA, Out. de 2015.

SENAR, Cultivo de melão: manejo, colheita, pós-colheita e comercialização / Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR – Brasília: SENAR, 2007. 104 p. : il.; 21 cm (Coleção SENAR, ISSN 1676-367x; 131)

SILVA, Leonardo Xavier, TILLMANN, Eduardo André. Exportações e eficiência competitiva da cadeia brasileira do tabaco: vantagens comparativas reveladas e orientação regional. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural.Porto Alegre. 2009. 14 p.

SOUZA, M.J.P.; ILHA, A.S. Índices de Vantagem Comparativa Revelada e de Orientação Regional para Alguns Produtos do Agronegócio Brasileiro no Período de 1992 a 2002. <http://coral.ufsm.br/mila/adayr/publicacoes/cientificos/vantagemcomparativa.pdf>. Acesso em: 23 Nov. 2105.

SOUZA, Ana P.; YAMADA, Ruth. Melão. Universidade de Mogi das Cruzes. 2011. Disponível em: <http://old.todafruta.com.br/noticia/23108/MEL%C3O>. Acesso em: 20 de Jun. de 2016.

TABIO, Zamara F. Estudo da competitividade da indústria de frutas brasileiras, melão e manga, (200-2012). Universidade Federal de Alfenas. Varginha/MG, Jul. de 2014. 55 p.

VITTI, Aline. Análise de competitividade das exportações brasileiras de frutas selecionadas no mercado internacional / Aline Vitti. - - Piracicaba, 2009. 106 p. : il.

WAQUIL, Paulo D., ALVIM, Augusto M., SILVA, Leonardo X. e TRAPP, Glaucilene P. Vantagens comparativas reladas e orientação regional das exportações agrícolas brasileiras para a União Europeia**.** Revista de Economia e Agronegócio, vol. 02, nº 02. 23 p.

YEATS, Alexander. Does Mercosur's Trade performance raice concerns about the effects of regional trade arrangements? Policy, Planning and Research Working Paper n. 1729, Washington: Word Banck, fev. 1997.